Impresso nas oficinas gráficas da
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
em papel fabricado pela mesma Companhia
em Caieiras.

Para pedidos telegráficos use o número **557**. Para quantidades vide chave na 2.ª pág. do nosso catálogo. Para comprar 50 livros, p/ex., telegrafe
EY 557.

ISABEL INAH FROTA PESSÔA

ACARAÚ

Editora-Proprietária: COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA) - SÃO PAULO - CAIEIRAS - RIO DE JANEIRO
Secção Editora — Direção do Prof. Lourenço Filho

1

João Policarpo luta, como todo sertanejo cearense, para tirar da terra o alimento e a água — luta ardente, tenaz, que enrija uma raça, enche-a de energias não comuns.

Quando vai se aproximando o tempo do inverno, João Policarpo fica a espreitar as primeiras águas e, mesmo antes delas, os primeiros clarões, no horizonte, contando os relâmpagos, cheio de ansiedade.

Se chover, será o gado forte, o leite farto, a terra abundando em legumes, frutos e flores. No rio cheio, nas lagoas a transbordar, enxames de piabas, curimatãs e traíras.

João Policarpo aproveita uma chuvazinha para semear um roçado inteiro, que, às vezes, não chega a dar os primeiros brotos, se falham os prenúncios do inverno.

O sol de brasa resseca o solo, bebe-lhe a humidade, cresta as sementes antes que rompam a terra e abrolhem.

As árvores despem-se das fôlhas.

Passa, repassa, de arrancada, um vento áspero.

Água? De onde tirar? O sertanejo abre a terra, rasga-lhe as entranhas, com furor, com raiva, fundo, mais fundo. Mas a aridez é a mesma.

Cigarras cantam, com estridor, nos cimos das árvores sem fôlhas.

As pedreiras, onde insetos zumbem e cobras rastejam, semelham máquinas a que tivesse faltado fôrça e que ficassem encalhadas, a chiar.

O gado sedento e faminto berra aflito, vagando sem rumo, à procura d'água e de alimento.

Em toda a natureza há como que um grito de revolta.

Aos prenúncios de sêca, as andorinhas emigram aos bandos, em longa fieira, ora movimentada em curvas, ora reta como um traço infinito.

E' o primeiro êxodo o das aves, previdentes e cheias de maior instinto que o homem.

Os sertanejos as acompanham, com os olhos turvos, no horizonte sem nuvens.

São as últimas esperanças que lhes fogem.

Durante algum tempo têm ainda alimento na provisão de carne magra, na ossada, cheia de *polia*, do gado abatido pela inanição.

Depois são as raízes bravas de mucunã e maniçoba, que lhes entretêm a fome mas tiram a saúde.

Abandonam os lares, por fim, já enfraquecidos e doentes.

Se resta um animal ainda de pé, o sobrecarregam de *caçuás*, de cada lado da cangalha; e alí metem tudo — roupas e crianças, as últimas raízes bravas, as últimas esperanças.

Os que não têm êste recurso, escancham os filhos nos *quartos* e vão marchando, em silêncio, vagarosamente, como sombras do que foram dantes, nos dias de fartura...

2

Com energia, João Policarpo tira da terra o que ela pode dar, agarrado ao cabo da enxada, preparando o terreno, plantando nas épocas apropriadas.

E' da terra que tem de tirar o sustento para a mulher entrevada e uma filha que vai entrando nos quinze anos e já está para casar.

João Policarpo não gosta de noivado longo, mas como o noivo anda pelo Piauí, na venda do gado, tem que aguentar a demora.

Casamento como o dele! Conhecera a Merência num samba e naquela noite mesmo decidira o seu destino.

No fim da festa estava tratado o casamento.

Daí a dias, na igreja do Menino Deus, em Sobral, ajoelhavam-se aos pés do vigário.

E bem que tinham sido felizes na sua casinha de taipa, no pé da serra da Meruóca, onde passaram cinco anos.

Aos domingos, quando iam ouvir missa, em cima, no povoado, parecia-lhes que o dia

era diferente dos outros, tão bonito, tão alegre!

Os sinos badalavam festivamente, pondo em seus corações um alvorôço quasi infantil.

Os matutos, que moravam distantes, chegavam a cavalo, com seus trajes pitorescos, chapéu de couro.

Outros vinham a pé, trazendo suspensas, ao ombro, as botinas que calçavam, ao chegar no arraial.

Faziam do páteo da igreja o campo de suas especulações.

Enquanto esperavam a missa, criadores tratavam compras e vendas, com os cigarros de palha amarela, ordinária, ao canto da bôca ou mascando fumo e cuspilhando para os lados.

João e Merência iam, depois, fazer uma visita ao vigário.

Passavam o resto do dia em casa de Genésio Cintra, que, nesse tempo, morava na serra.

Os meninos os recebiam com alvorôço. Tomé trepava pelos ombros do João, Menininha aninhava-se no colo da Merência, batendo em seus rijos braços nus, pedindo-lhe que contasse histórias.

A tardinha, quando se despediam para ir embora, custavam a se desembaraçar dos pequenos. Um tomava o chapéu do João, outro escondia o chale da Merência para que demorassem mais.

— Bom tempo!

Quando Genésio Cintra desceu para a fazenda, João Policarpo o acompanhou e ficou trabalhando nas suas terras.

Depois morreu o seu primeiro filho, irmão de leite de Tomé, afogado no Acaraú. Merência teve o beri-beri.

A filha de João Policarpo e Juvêncio haviam se encontrado, pelo Natal, em casa da Rita.

Os olhos do caboclo se declararam desde o primeiro momento.

— Parece que nunca viu gente!

Cotinha, que estava a seu lado, interveio:

— E' assim mesmo que se começa, boba!

— *Vige!* A gente não sabe p'ra onde se vire!

Experiente, Cotinha dizia que ela já estava no tempo de casar; uma moça daquele tamanho, mulher feita!

Maria deu um muxoxo.

— Pois era obrigada a gostar de uma pessoa sem poder?

Negou a Juvêncio as primeiras dansas, mas teve que ceder à sua insistência e às insinuações de Cotinha.

Uma vez que o caboclo a segurou com mais firmeza para desviá-la de um encontrão, sentiu pulsar o seu peito forte.

Ouvia a sua respiração alta, um pouco ofegante, com um ligeiro bafo de aguardente.

Dias depois João Policarpo entrou em casa, mais cedo que de costume, com um ar de novidade na feição alegre.

Chamou-a. Disse que Juvêncio tinha lhe falado, queria casar com ela.

Surpreendida, confusa, Maria não sabia o que responder.

— *Antonces,* você quer ou não quer?

— Sei não. A mãe é que sabe.

3

O ano se anunciava próspero.

Em meados de março, começaram a cair chuvas curtas pelo interior, em todo o sertão.

A beldroega brotava miúda e vivaz, alegrando as várzeas e descampados com o brilho de suas fôlhas.

Em plena aridez, no sertão cearense, depois das primeiras chuvas, a beldroega brota à flor da terra, da noite para o dia, invade os campos, alastra-se alviçareira, dando uma súbita impressão de florescência.

João Policarpo passava os dias na labuta da plantação para aproveitar as primeiras chuvas promissoras.

Encorajado, alegre, saía com a madrugada, dirigindo os agregados, estimulando-os para o trabalho.

— Vamos, minha gente! Não *istruam* o tempo! Aproveitem a chuva. A terra não negaceia. E' só plantar e esperar. Tendo água é contar, na certa, com espigas baitas e feijão graúdo. A semente é da boa, feijão de corda verdadeiro...

Daí a poucos dias as sementes grelavam.

A babugem cobria o solo, colorindo as planícies de um verde tenro, que se desdobrava a perder de vista, com nuanças mais fortes, coloridos mais vivos, à beira dos riachos e grotões.

As árvores cobriam-se de fôlhas novas, abriam-se em tufos de flores.

Depois de um ano de sêca, a fertilidade é sempre maior.

A terra, durante longo tempo em repouso, rebenta verdejante, às primeiras águas, produzindo com abundância. Reforça-lhe a seiva, aduba-a, prepara-a para a germinação, o calor que a rescalda, durante o período da estiagem.

A chuva não parava dia e noite, numa fartura excessiva.

O Acaraú transbordara. Alargava-se, estrada acima, invadindo a planície.

João Policarpo começava a perder a paciência.

— E' isto! Ou se morre esturricado ou é êsse despropósito! Às vezes, a gente não tem nem uma gota *mode* matar a sede. Agora é água pelos peitos em qualquer brejo.

Merência não gostava dessas franquezas.

— Pois êste homem não está espantando a chuva?! Cala a bôca, criatura de Deus! Tanto rosário que puxei, pedindo chuva e o homem a botar p'ra fora! Não te lembras da sêca,

daquele labutar sem conta, o gado a cair de fome, sem se ter nem um caroço de algodão p'ra dar? Deixa vir a chuva, deixa vir. Água nunca é de mais.

Agora que vinha Tomé — o filho de Genésio Cintra, passar uns dias na fazenda, João Policarpo se multiplicava no trabalho.

Era uma cêrca, uma porteira a consertar.

Às vezes Maria deixava a mãe entregue aos cuidados da Cotinha, que morava mais em baixo e ia ajudar a recolher o gado.

Corria pelas pastagens, montada no Alazão, cabelos ao vento. Afundava-se nos capões de mato, acompanhando o pai, para desemperrar uma vaca ou procurar um bezerro extraviado.

Uma tarde, quando ia levantando o pau da porteira para saltar do outro lado, deparou com Tomé, que vinha chegando, sem avisar.

Recuou, suspendendo a rédea do animal.

— Que é isto, Maria? Não me conhece mais, não?

— Ah! E' *seu* Tomézinho? Meu pai já aí vem.

E mesmo sem cumprimentá-lo, cortando conversa, acanhada, continuava o seu caminho.

Tomé a interrompeu.

— Como vai a comadre?

— A mãe está boa, graças a Deus.

— Olhe que também quasi não a conheço. Há uns sete anos que a deixei, pequenina assim.

Pouco habituada a tratar com pessoas estranhas, Maria sentia-se contrafeita, confusa, ao lado de Tomé, não sabia o que dizer. Olhava para o caminho, torcendo entre os dedos o cipó de aroeira.

Seus cabelos negros, corridos, espalhavam-se pelos ombros.

O chapéu de palha de carnaúba que os sustentava, tinha caído, na luta contra os galhos.

— Você ainda se lembra dos ovos de anum que eu lhe trazia?

Maria olhou para Tomé.

Pouco a pouco ia encontrando em suas feições, na sua fala, reminiscência do companheiro de meninice. Aquele moço de olhos claros e alegres que a intimidara à primeira vista, a carregara muitas vezes ao colo e a cavalo, pelos campos.

Seguiram pela estrada, ladeando o Acaraú, que se estendia exuberante, frisado nos rebordos pelo vento da tarde.

— Parece impossível que eu tenha passado todo êsse tempo sem vir fazer uma visita a vocês! Estive uns anos estudando em Fortaleza. Durante umas férias que passei em Sobral, estava de viagem para cá, quando tive as sezões.

Um vulto em gibão de couro apontou na curva da estrada.

Tomé esporeou o cavalo, saudando de longe.

— Oh! compadre João, como vamos?

— E' *seu* Tomézinho? Como vai *vosmincê?* Chegou assim sem dizer nada à gente?

Como vai *seu* Genésio mais *sa dona* Quininha?

E rindo, cheio de efusão, João Policarpo apertava a mão do moço na sua mão calosa.

— Então, compadre, sempre forte?

— Qual o que, *seu* Tomézinho! Tronco velho que já vai arriando.

— O que há de novo por aquí? Muita chuva?

— Chi! um *despotismo!* O roçado grande que já estava com o milho *penduado* alagou, ficou todinho em baixo d'água. Mas, com êstes dias de sol, está quasi tudo sêco, graças a Deus.

— E o gado?

— Bom. Esta madrugada a Espaça teve um bezerro, que é uma beleza; todo preto, com uma estrêla na testa. Agorinha mesmo fui na capoeira olhar se estavam sem novidade.

O Timbira, aquele cavalo, em que *vosmincê* gostava de andar, ficou estropiado das pernas, não presta mais p'ra nada. *Vosmincê* se lembra? Um cavalinho *baé*. Tem se feito tudo quanto é *meizinha*, mas êle sempre caxingando, mofino.

Representou-se aos olhos de Tomé a sua figura, aos doze anos, montado no Timbira,

percorrendo o caminho da vazante para casa, com a irmã na garupa.

— E' pena! O Timbira era um cavalinho bom.

— Não sei se foi algum bicho venenoso que babou em *riba* dele ou *sombração* que êle viu na lagoa funda.

Está aparecendo por lá uma alma penada que estropia toda criatura ou animal que encontra.

— Você acredita nisso, compadre?

— Sei lá, *seu* Tomézinho! E' o que contam. E parece mesmo maleffcio do outro mundo. Não há *meizinha* que ponha o bicho em pé e olha-se, não tem doença nenhuma.

Espraiando a vista pela várzea, Tomé aspirava o ar puro do sertão, reconhecendo tudo aquilo nos menores detalhes, notando as modificações — uma cêrca que tinha sido posta abaixo, uma casa de taipa, levantada adiante.

— E' de um agregado que veio do Camocim, o Bartolomeu.

Esporearam os cavalos.

Tomé desviou-se de uma touceira de chique-chique que investia, agressiva, pelo caminho.

Meio curvada sôbre o animal, Maria, ia adiante.

Apareceu, entre os mofumbeiros, a silhueta

branca da casa do João, com o alpendre em redor.

Em frente passava a estrada larga, abrindo claros entre a folhagem.

Apearam-se no terreiro.

João Policarpo entrou pela sala, às escuras, batendo com as esporas no tijolo.

Acendeu a lamparina de azeite, suspensa ao alto do portal.

— Entre, *seu* Tomézinho. A casa é sua.

Ouvindo essas palavras, Merência levantou-se da rede.

— O que está dizendo? E' meu filho? *Seu* Tomézinho chegou?

Apoiada a um cacete, veio até a porta do quarto.

A alegria dava-lhe fôrças, movimento às suas pernas trôpegas.

Abraçou-o.

— Como estava diferente! Um homem feito! E como tinha ficado bonito!

Enxugando as lágrimas de comoção que lhe rolavam pelas faces, Merência recebeu o presente que Tomé lhe tinha trazido da cidade, um corte de chita, com ramagens de côres vivas.

— Olha, filha, que *seu* Tomézinho ainda não jantou.

Vosmincê não há de reparar. A nossa *janta* é cedo, às três horas.

— Ora, compadre! Qualquer coisa. Nada de cerimônia comigo.

Maria fez o fôgo, cortou um pedaço da carne que estava a secar, pendurada na corda, raspou a grelha e colocou-a sôbre as brasas.

Daí a pouco, um cheiro bom de carne assada e a tijela de coalhada sôbre a mesa, convidavam o hóspede.

Depois da refeição, Tomé sentou-se na rede de tucum, armada ao canto da sala.

João Policarpo pôs-se a chupar o cachimbo, que estava entupido, não deitava fumaça, e a perguntar pelas novidades, a contar os estragos causados pela chuva, a repetir casos da última sêca — a eterna conversa dos sertanejos.

Na quietude da noite enluarada ouvia-se o diálogo teimoso dos sapos, nos brejais: — *Foi, não foi...*

4

Acompanhado por João Policarpo, Tomé seguiu para a casa grande, que ficava do outro lado do trilho da estrada de ferro que liga Camocim a Sobral.

A casa era antiga, espaçosa, com alpendres em redor.

Tomé tinha vivido alí os melhores anos de sua meninice.

Quando seus pais desceram da serra, vieram pela fazenda com intenção de demorar uns meses, mas tinha sido preciso levantar a parede do açude, fazer outros reparos, e por isso foram ficando.

Ao lado, ficava a casa da Joaquina Congo, uma das suas grandes amizades de criança.

— E a Zefa? Cabocla bonita! Tinha feitiço dentro dos olhos. Foi a sua primeira paixão.

Debruçado à janela de sua casa, ficava horas esquecidas, ouvindo-a cantar, enquanto engomava.

O calor das brasas lhe afogueava o rosto

quando ela soprava o ferro, punha lascas de fogo dentro dos seus olhos.

Era a engomadeira da fazenda, naquele tempo.

Quando estava a seu lado, não tinha mais vontade de ir para casa. Era preciso que viessem chamá-lo, uma, duas vezes, quebrar o encanto daquela fascinação.

O seu maior prazer era vê-la batendo roupa, à beira do rio. Era a ocasião mais propícia que encontrava para lhe levar um ninho com sabiás novos ou uma flor de mulungú.

Ela recebia o presente com muito agrado, esquecida do trabalho em que estava ocupada.

Depois de meter uma lagarta no bico dos pássaros ou enfeitar os cabelos com a flor vermelha, mirando-se dentro d'água, é que se lembrava de que o menino não devia ficar alí, a olhar para ela.

Mandava-o ir embora que, em casa, deviam estar à sua procura.

Êle teimava, sentava-se, chibateando as ervas tenras que vicejavam à beira d'água.

Zefa insistia, ameaçando levá-lo à fôrça para casa.

Tomé saía, mas voltava depois, na ponta dos pés, esgueirando-se entre as moitas.

Zefa o agarrava, levava-o até a ribanceira.

Tomé se debatia, rindo, procurando fugir. Só quando, já zangada, com os olhos acesos pela

luta, o ameaçava de não receber mais nada do que êle trouxesse, é que se resolvia a ir embora.

Um dia a Zefa desapareceu. Um empregado da estrada a levou para Camocim.

Foi como se tudo escurecesse em redor.

Acabou-se o encanto de suas horas vadias.

Estava ainda a ver a Joaquina atarantada, à procura da filha, com uma expressão de espanto nos olhos...

Tomé atravessou o leito da estrada, passou pela casa de fazer farinha e subiu pelo caminho, capinado de fresco.

Ao lado, as águas do açude refletiam a lua enorme, prateada; e o moinho, agitado pelo vento, movia as asas, como um grande pássaro.

Tomé suspendeu a rédea do animal para contemplar a paisagem.

Era alí que êle pescava, todas as tardes, com os filhos da Ana Seridó — dois pequenos sapiranguentos.

— O José tinha morrido das febres, na cidade e o Manuel fôra para o Brejo, acompanhando um comboio.

— E a Colondongo, compadre, ainda é viva?

— Viva e espertalhona.

Quem morreu foi a Rufininha das Almas. *Vosmincê* se lembra da Rufininha? Deu uma tremedeira, lá nela, coitada, que era ver uma vara verde! Depois foi murchando, secando,

febre que não se acabava mais. Diz a Farelo que foi do peito.

João Policarpo se adiantou para chamar os caseiros, que, àquela hora, já deviam estar agasalhados.

Jacinta abriu a porta, levantando a vela de carnaúba ao alto da cabeça, para clarear lá fora. Zé Caxingó espiou.

— O que seria? Gente batendo àquela hora! Já tinham dormido o primeiro sono.

Corsário, o cão de guarda, farejou, latiu.

Foi quem primeiro reconheceu os visitantes. Saltou fora da porta, num ladrido alviçareiro.

Jacinta recebeu o hóspede com alegria, ralhando com João Policarpo por não tê-la prevenido.

— Também uma coisa assim! Nem uma tapioca p'ra receber *vosmincê!*

— Já jantei, Jacinta, e muito bem, em casa do compadre. Eu quero é a minha rede, que estou cansado.

Zé Caxingó entrava com a maleta, mancando, abria as janelas para arejar a sala, obedecendo a um aceno da mulher. Batia as pálpebras, num tic nervoso, olhando com um ôlho só.

Explicava a Tomé como tinha perdido aquela vista:

— Foi estupor. Tinha tomado um purgante de jalapa, recebeu um ar, o ôlho pegou a inchar, cresceu, estourou p'ra fora. Mas não fazia

falta, não, graças a Deus. O outro dava p'ra enxergar tudo.

Tomé instalou-se no melhor aposento da casa, um quarto grande, com janelas, por onde entrava o cheiro da mata.

Acordou no dia seguinte, às seis horas, com o tilintar dos chocalhos das ovelhas que saíam para o pasto. Levantou-se lesto, ansioso para rever aquela gente.

Daí a pouco batia à porta da Joaquina.

Nada mudara lá dentro. Ainda estava, a um canto, a tábua onde a Zefa se debruçava, cantando, para disfarçar a fadiga do trabalho, as mesmas paredes gretadas, que, por milagre, ainda se tinham em pé.

Joaquina envelhecera. Puxava por uma perna.

Não tinha tido mais notícia da filha.

Enquanto Joaquina coava café para oferecer ao visitante, Tomé pôs-se a relembrar o encanto das horas passadas alí, naquela salinha suja. Como que estava ainda a ouvir a risada estrídula da Zefa.

Pouco a pouco seu pensamento foi se ausentando, revendo outros cenários.

Veio-lhe à mente a Joaninha da Mônica, a primeira namorada que tinha tido em Sobral.

Via seu rosto inocente, de uma brancura de cera, surgindo de uma janela da rua do Rosário.

Todas as manhãs Joaninha ia esperá-lo. Trocavam um sorriso e, se não havia vizinhos às portas, aproximava-se para lhe falar.

Quando Joaninha foi para o colégio das Irmãs, em Fortaleza, pareceu-lhe que Sobral tinha ficado deserto.

Foi quando despertou nele o gôsto pelos estudos. Queria se matricular no Liceu, em Fortaleza.

Seu pai achou que ainda tinha pouca idade para dispensar sua vigilância. E aquele ano ainda ficou em Sobral.

Quando Joaninha voltou crescida, as linhas do corpo angulosas, o rosto emagrecido e mais branco pela vida de internato, todo aquele entusiasmo arrefeceu.

Deu-lhe uma substituta, a Lilí Paixão — uma moreninha estouvada, de lábios grossos e cabelos crespos.

Joaquina entrou, arrastando a perna, com o café fumegando na chícara de louça grosseira.

— Mas como *vosmincê* cresceu! Benza-o Deus!

— E você, Joaquina, de que vive? Dessa renda que a deixei fazendo, quando fui embora?

— *Vosmincê* está mangando com a gente. Tenho vendido muita e muita renda bonita, larga, cheia de *baratinha*, lá p'ra família do seu doutor Zeferino, na Granja.

E horas se passaram, em evocações ora alegres, ora doloridas.

5

Tomé calçou as botas, afivelou as esporas.

Deitado, com a cabeça metida entre as patas, Corsário acompanhava, de esguelha, os seus movimentos. Tomé meteu a alça da chibata de couro no braço e dirigiu-se para a porta.

De um salto o cão se levantou, cercou-o de um lado, de outro, querendo acompanhá-lo.

— Já, pr'a dentro!

Corsário foi se deitar outra vez, de orelhas caídas, ganindo.

Tomé montou no Piquira, desceu pelo caminho, aberto entre o milharal.

Os campos orvalhados iriavam ao sol.

Dentro das moitas os pássaros pipilavam, trinavam, gorjeavam, saltando de galho em galho, numa irrequieta algazarra.

Ovelhas retouçavam no capim, bebiam nos veios d'água, que brilhavam aquí, alí, entre a verdura.

Passavam jandaias, chalrando, em busca do rio.

Cá de longe, Tomé avistou a casa do João Policarpo.

Entrou pelo terreiro, sem se apear.

— Ainda se dorme nesta casa?

— Estou pronto e *arreado* desde as quatro horas. *Vosmincê* disse que passava cedinho.

Foram ladeando o Acaraú que, como uma grande lâmina, faiscava ao sol. Marrecos bravos bebiam à margem. Ao tropel dos cavalos levantavam o vôo, batendo as asas, e iam pousar mais longe, grasnando.

O cheiro dos cajueiros floridos se espalhava no ar.

Subiam fumaças, anunciando os ranchos dos agregados, metidos entre tufos de verdura.

Aboboreiras estendiam as ramagens, de onde ressaltava, como veias túrgidas, o áspero filamento de cordas, de quando em quando, sêcas como de ramaria morta, logo verdejando em brotos e fôlhas novas. Subiam pelas árvores, com os frutos pendentes ou acamados nos troncos, trepavam pelos tetos as flores amarelas.

Ao lado, a pequena criação — galinhas, carneiros; bacorinhos focinhavam na lama, aos grunhidos.

Tomé passava pela casa de um, de outro, e, sem se apear, dava uma prosa, interessando-se por aquela gente a quem tinha amizade. As crianças se agrupavam, olhando, curiosas, para o moço da cidade.

A choça da Colondongo lá estava com sua porta de talos de carnaúba.

— O' de casa!

Uma cadela magra avançou para os visitantes, latindo.

João Policarpo afastou-a com o rêlho.

— Sai, Sultana! Não conhece mais *seu* Tomézinho, não?

— Ainda é do meu tempo?

— Deve ser. Isto é velha como a Serra dos Côcos.

Em talho de camisa, saia de chita vermelha, a Colondongo veio lá de dentro, resmungando.

Reconhecendo os visitantes, abriu a fisionomia.

— E' mesmo *seu* Tomézinho? Quem *havéra* de dizer? Quando saíu daquí, era magrinho, enfezado!

Ria-se, enxugando a mão na saia para cumprimentá-lo.

— Vocês é que não mudaram nada. Parece que saí ontem daquí. Até o pé de melão São Caetano está ainda aí, agarrado à cêrca, tal qual como deixei, há sete anos.

Uma ninhada de pintos entrou pela casa a dentro, piando, esgravatando o chão batido.

— *Chô, chô,* pestes!

— Querem milho, Colondongo.

— Milho o que! Minhoca e fôlha verde tem muita por aí. Preguiça de catar.

Pela janela assomou uma cabeça disforme, de cabelos ruivos, eriçados.

— Olá, Cosme! Como está? Você ainda se lembra de mim?

No olhar do surdo-mudo refluiu um clarão.

Tomé atirou-lhe um níquel. Cosme apanhou-o no ar, com uma pirueta, fazendo sinais de contentamento.

— Como vão lá na casa grande? Há que tempo que não vejo aquele povo! Zé Caxingó já tirou a cangalha do lombo? *Vosmincê* já viu a mulher do Bartolomeu?... Saia de ganga, missanga nas orelhas, tal qual uma macaca de feira...

Teresa deu uma risadinha aguda, cheia de maledicência.

O aleijado e a cadela foram deixar longe os visitantes.

Sultana ladrava, fugindo, aos sopetões, à ameaça do rêlho de João Policarpo.

Ao lado da estrada, um destrôço de palhas apodrecidas causou a Tomé uma impressão de tristeza. Vivera alí a Rufininha das Almas, afamada rendeira daquelas redondezas.

De entre as palhas se levantavam cabeças de lagartos a se aquecerem ao sol.

Parecia-lhe ouvir ainda o estalo dos bilros de côco que a Rufininha fazia saltar, numa dansa vertiginosa, entre os dedos magros.

Quando iam para a vazante, ainda com escuro, êle e os irmãos, acompanhados pelo compadre, já a Rufininha se fazia ouvir nos seus repinicados estalos — *téco, tetéco, terécq, téco*...

Estava a ver a Rufininha, sêca, os dentes grandes e amarelos, cabelos ruivos.

Tomé indagou do João o motivo por que haviam abandonado a casa onde vivera a Rufina.

O povo estava certo que a Rufina tinha morrido do peito. Até a cacimba mais próxima de sua casa tinha sido atulhada.

— Lá a minha rapariga que não tem mêdo de nada, é que veio, escondida da mãe, meter a vela na mão da pobre...

À tardinha, na pequena sala da casa de João Policarpo, Tomé descansava da excursão, deitado na rede de tucum.

Pela janela aberta descortinava um trecho de paisagem.

Um bando de avoantes passava, formando círculos, desenhos bizarros, na tela fina e azul do céu.

Avistou Maria, que vinha subindo, devagar, pelo caminho, claro como um fio d'água, coleante, entre a verdura.

Com um braço levantado, sustentava o pote na cabeça.

Representou-se à mente de Tomé a cena da morte da Rufina. Via-a, não tendo mais que os ossos sob a pele. Maria lhe punha a vela na mão, fechava-lhe os olhos...

— Boa tarde.

— Boa tarde.

Maria colocou o pote no gancho da forquilha.

No silêncio da casa o armador rangia, ao impulso da rede.

João Policarpo, que ficara a tirar os arreios do Alazão, entrou, sentou-se num banco de pau.

— Ainda não lhe disse, *seu* Tomézinho. Alí a Maria está de casamento apalavrado com o Juvêncio, o que anda com o gado do coronel Juvenal.

— Sei. Muito bem. E quando é o casamento? Precisa apressar a festa que eu também quero assistir.

— Será, se Deus quiser, pelo São João, quando *seu* vigário descer da serra.

Juvêncio anda agora pelo Piauí, na venda do gado.

Bom rapaz, o Juvêncio. Cabra decidido! Agora, nas eleições, andou lá pela cidade, todo *arreado*, roupa de casemira, charuto no queixo, importante que nem doutor da lei. Foi votar na chapa do *seu* Clodomiro.

— Não levou alguma cacetada? As eleições, êste ano, estiveram quentes!

— Qual nada! Aquilo ó destemido como não sei que diga. Ninguém negaceie com êle, porque leva resposta e da boa! Muito manso enquanto não lhe tocam.

Vosmincê quer saber?

João fez uma pausa, tirou do cinturão de couro um cornimboque — chifre de boi trabalhado, onde os sertanejos guardam fumo, puxou de dentro um pedaço e se pôs a mascar.

— Aquí há dois anos atrás, quando a Ritinha, a irmã mais nova do Juvêncio, entrou nos quinze anos, começou o Maneco da Russa a rondar a porta dela, tocaiando a menina na beira da estrada, quando passava p'ra o rio.

Um dia a Ritinha chegou em casa assustada, amarela que nem flor de algodão. Jogou o pote em *riba* da mesa e pôs-se a chorar alí mesmo, na frente da gente toda da casa.

Que foi, que não foi?

Quando Ritinha pôde falar, contou.

Tinha sido o Maneco da Russa. Quis agarrar a menina, de sopetão, na ribanceira, alí, onde tem um feixe de carnaubeira. Ritinha escapuliu e desatou a correr.

Contava tudo, chorando.

Juvêncio ouviu, ouviu, botou o chapéu na cabeça e saíu pela porta afora.

Encontrou o Maneco ainda por lá.

Meteu-lhe um murro nos queixos, deu-lhe uma surra!

O cabra só fazia se defender e, quando pôde, saíu correndo.

João Policarpo riu alto, sacudindo os ombros, cuspilhou para o lado, acomodou o fumo na bôca.

— E' assim. Não tem mêdo de nada, nem de *sombração* nem de alma do outro mundo.

Aí há tempos, estava aparecendo, no caminho da serra, uma alma penada. Anoitecia, tropeiro cortava caminho. Por lá não passava.

Saía do mato um assobio, fino que arrepiava a gente, grasnadas, guinchos, uma coisa de fazer mêdo ao mais destemido.

Pois, sim senhor! Juvêncio teve de ir à serra. Teimou de ir pelo caminho assombrado e lá se foi, numa noite de lua, clara como dia.

Em casa ficou tudo aflito, rezando.

De volta contou:

— Não tinha nada. Assobios? Era o vento nas encruzilhadas. Gritos, relinchos? Eram os animais que acordavam com a claridade da lua, e pensavam que já era de madrugada. Não viu nada de *sombração*. Bobagem do povo!

6

Maria abriu a porta da cozinha e saíu.

Arvores e tetos se esboçavam em meias tintas.

Passou pela casa da Cotinha, chamou-a. Benta chegou à janela, com o filho menor, escanchado no quadril. Disse que a Cotinha já tinha descido para o rio.

Maria continuou a caminhar, ligeira, atenta aos rumores.

Não encontrava ninguém.

Adiante abriu-se uma porta.

Um homem saíu com uma enxada ao ombro.

No carnaubal ouviu um assobio fino. Apressou o passo. Outro assobio diferente.

— Nunca mais que saía assim sozinha, de madrugada.

Um baque sôbre o folhiço e uma figura surgiu perto dela.

— *Te arrenego!* Que susto! Que é que você anda fazendo a essa hora, Cosme? Vá s'embora. Não quero que me acompanhe.

Acenava para que o surdo-mudo a entendesse.

Sempre que andava só, o encontrava no seu caminho.

A-pesar-de ter se criado com êle no terreiro, tinha uma instintiva repugnância por aquela figura exótica, de aspecto imbecil.

Cotinha a esperava, em cima da ribanceira.

— Cruz! *Me assustei!* Estava com o pensamento tão longe!

— Você saíu hoje mais cedo.

— Dormí mal. A rede parece que tinha espinho. Estava doidinha p'ra me ver cá fora, no fresco.

Desceram.

Passou um matuto a cavalo. Saudou-as.

— Coitado do *seu* Libânio! A filha está muito mal, toda inchada. A Farelo, desta vez, parece que não dá jeito, não. *Seu* Tomézinho aconselhou *seu* Libânio de consultar doutor na cidade, mas êle disse que doutor só serve p'ra matar mais depressa. E é mesmo. Olha o Galdino da Mata Fresca. Não tinha nada, um arranhãozinho de prego no pé, mas quis aproveitar o doutor, que estava arranchado na casa dele, de volta de um chamado, tomou não sei que garrafa de botica e o pé foi inchando e o homem ficando com a língua grossa e lá se foi. De um arranhão!

— Na verdade!

— E o Juvêncio, quando volta?

— Sei não.

— Também que lembrança de ir agora vender gado!

— E é êle que manda?

— Deve ter saudade da vida que levava aquí, juntinho de ti.

Maria deu um muxoxo.

— Que tem isso? Noivado é assim mesmo. Olha, eu também já tive o meu tempo. Quando estive de casamento apalavrado com o Gaudêncio, era toda a noite um bater de bôca, até tarde. Conversa não se acabava mais, nós dois sentados no banco de pau, na frente da casa. Vinha a lua, estava, estava *alumiando* e nós na conversa.

Entrava um, entrava outro, as portas se fechavam. Só quando os galos começavam a cantar é que o Gaudêncio se lembrava de ir embora. E parecia que a noite tinha principiado agorinha mesmo.

— E porque não casaste?

Cotinha suspirou.

— Coisas da vida! Gaudêncio teve que ir à serra ver a mãe muito doente e lá encontrou uma *dona* que *enfeitiçou êle*, tirou o juízo dele das bandas de cá.

Mandei recado, mandei fazer uma carta, lembrando a sua promessa. Mandei fazer mandinga. Nada! Até hoje!

— E você ainda se lembra dele, com toda essa ingratidão?

— Ora! Se êle viesse, eu perdoava tudo e bem perdoado. Homem é assim mesmo. Não pode viver sem um rabicho de saia, e às vezes as danadas têm um feitiço que êles querem, mas não podem largar.

Vamos ver que a do Gaudêncio é alguma lambisgóia, mas com um não sei que de maligno que agarra um pobre homem p'ra toda vida. E' por isso que não gosto de casamento demorado. Tratou, casou. Então isso de ir p'ra longe é um perigo!

— Pois eu não tenho mêdo. Tenho certeza que o Juvêncio volta nem que vá p'ra o fim do mundo.

— Qual! os homens não são firmes. Gostam de variar...

— Ave Maria! Não é assim, não, Cotinha. O Juvêncio é sério, tenho certeza.

— Sério êle é, e boa pessoa. Isto não quer dizer que não seja sério. Êles todos são assim. Mas como você é nova e virou a cabeça dele direito, pode ser.

Às vezes, parece que êles encontram a mãe d'água.

Não conhece a história? Ela chama de noite o tropeiro, que vai quieto no seu caminho. Chama com uma voz que arrepia. Mostra o rosto, os cabelos verdes em *riba* d'água.

Quando o homem se chega, ela se esconde. Êle espera, espera, desengana-se, dá as costas. Ouve uma risadinha de troça. Volta, a tentação está na beira d'água. Não há mais quem faça êle seguir. Nem a lembrança da mulher mais dos filhos que estão esperando por êle. De repente, está perdido. Afunda lá dentro e não volta mais.

E há mulheres que são como a mãe d'água.

Maria respirou forte, como se lhe faltasse o ar.

— Que horror! Quem lhe contou estas coisas, Cotinha?

— Ninguém. Eu é que tenho vivido muito e padecido. Padecer ensina.

Olhe! A gente nunca pode estar certa da firmeza de um homem. Quando menos se espera, lá escapole êle que nem piaba dentro d'água, p'ra nunca mais!

— Mesmo depois de casado?

— Às vezes é a mesma coisa. Encontrando o feitiço, ficam por lá e deixam mulher, deixam filho, deixam tudo.

— Credo! Então é melhor ficar solteira como você.

Gafanhotos saltavam dentro do capim alto. Mosquitos picavam as pernas das raparigas que, distraídas, sacudiam a saia.

Uma claridade suave esbatia-se nas árvores, nas colinas.

Parecia que o céu tinha sido pincelado de branco, dando a impressão de mais baixo. Refletia-se nos relvados essa brancura de porcelana, descolorindo, esbatendo a verdura.

O vento espalhava o cheiro acre dos maturís.

— Vamos tomar banho?

— Vamos.

Maria desatou os cabelos, desabotoou o corpinho, tirou a saia e, baixando-se atrás de uma pedra, puxou a camisa por cima da cabeça, e recomendando à Cotinha que não olhasse, meteu-se dentro d'água.

Cotinha a imitou.

Ensaboaram os cabelos, espalhando espuma com as mãos.

De vez em quando alongavam a vista, espreitando se vinha alguém.

Maria apanhou um pau de mulungú que boiava em cima d'água, e, abraçando-se a êle, pôs-se a nadar. Quando se afastava mais, Cotinha advertia.

— Olhe a correnteza! O rio é traiçoeiro. Lá mais p'ra dentro tem piranha. Piranha é um bicho maldito! Quando agarra, arranca o pedaço fora.

Conheceu seu Damião, um todo marcado que andou aí, uns tempos atrás? Foi dente de piranha. Foi tomar banho lá p'ras bandas do Camocim, as piranhas vieram por debaixo d'água,

agarraram êle de jeito. E foi feliz porque ainda pôde se escapulir.

Um vulto indeciso apontou lá, em cima, na ribanceira.

— Vem gente. Vamos.

Apanharam as roupas, vestiram-se, enxugaram os cabelos, torcendo-os na toalha de algodãozinho.

Com os olhos vermelhos, Cotinha bateu as pestanas.

— Tinha ficado meio zonza com o banho. Também tinha passado tão mal a noite, sem poder dormir, com a cabeça ôca!

Encheu o cachimbo de fumo, acendeu-o e se pôs a puxar a fumaça.

— Como é que você aguenta isso?

— E' bom. Parece que a fumaça consola. Sei não! Quando a gente está aborrecida, uma baforada dessas alivia. Eu também não fumava, depois comecei, p'ra distrair.

7

Dentro do quarto, com o ouvido atento, Merência percebia todo rumor vindo de fora — o trote dos cavalos, o *ren-ren* dos carros que passavam pela estrada.

Como devia estar bonito o dia, lá fora! Ah! se pudesse andar como os outros, trabalhar ao sol, capinar, lavar roupa, fazer todo serviço pesado! Uma pessoa sadia não devia se queixar nunca. Todos os males, pobreza, trabalho, nada disto tinha valor, comparado à moléstia que a trazia dentro do quarto, no fundo de uma rede!

A presença de Tomé lhe avivava a lembrança do filho morto.

O menino saíra, iludindo a sua vigilância. Quando deu por sua falta, chamou-o, procurando pelos arredores. Nada! Não aparecia. Ninguém dava notícia.

De repente lembrou-se do rio que tinha transbordado, com as últimas chuvas.

Atirou-se, como uma doida, dentro d'água, nadando, em cima de um pau de mulungú, a

procurá-lo, sem pensar no perigo que estava correndo.

Apanhou, com dificuldade, o corpo do filho, na correnteza e, para trazê-lo até à beira do rio, foi preciso lutar. Nossa Senhora da Conceição é que a tinha ajudado.

Quando Tomé vinha visitá-la, Merência o entretinha, recordando os tempos de mocidade. Contava-lhe coisas passadas, casos de moléstias e curas milagrosas; citava pessoas que tinham ido, carregadas, a São Francisco de Canindé e, ao entrarem na igreja, punham-se a andar; cegos que recuperavam a vista, logo que se ajoelhavam aos pés do santo.

— Qual, comadre! Você acredita nisto?

Merência olhou para Tomé, espantada da heresia.

— Pois não *havéra* de acreditar, meu filho?

— Isso é bom para quando se é criança.

— Pois antes *vosmincê* tivesse ficado criança toda a vida.

Eu vi, eu vi com êstes olhos que a terra tem de comer.

Vosmincê não acredita em Deus?

— Não.

Merência se benzeu e ficou calada, com os olhos fixos em Tomé, ferida por aquela blasfêmia.

— Meu filho, me diga uma coisa. Quem é que dá essa luz que alumia a gente?

— E' o sol, comadre.

— E o sol, meu filho, quem é que dá? Eu morro, vou p'ra baixo da terra, *vosmincê* também e o sol fica aí, alumiando. Quando chega a hora da gente dormir e não precisa mais dele, vai s'embora, direitinho, todo dia, àquela hora certa...

Então, isso não é Deus que faz? Quem é que dá essa água que corre no rio p'ra matar a sede da gente? Quem é que faz rebentar do estêrco uma flor tão cheirosa, tão bonita que até parece de veludo? Quem é? Quem é que consola a gente na aflição?

Merência se inflamava, procurando refletir um pouco da sua fé nas trevas da descrença em que se abismara o menino que ela tinha criado com seu leite.

Contava-lhe episódios de sêca, histórias de alma do outro mundo, todas verdadeiras: Fulano tinha visto. Sicrano tinha dito...

Da última sêca grande lembrava-se bem. Era nesse tempo meninota. Vivia em casa da família do Senhor Porfírio, gente abastada e caridosa. Davam muita esmola, não deixavam ninguém morrer de fome, à sua porta. Mas a quantidade de famintos era tamanha que se viam forçados a fechar a casa para que não a invadissem. Passavam as tigelas de farinha e as rações de carne sêca pela janela.

— Cortava o coração ver aquelas criatu-

ras só com a pele em *riba* dos ossos, a barriga inchada de comer maniçoba e macambira.

Olhavam p'ra gente de jeito que dava vontade de se entregar a roupa do corpo e o último bocado de pirão.

Uma vez, uma retirante, cambaleando de fraqueza, caiu na nossa porta. Fazia três dias que não metia um farelo na bôca.

Levei, depressa, um prato de feijão. Num momento a criatura enguliu tudo. Depois pediu água, com a fala já sumida.

Quando voltei, a filha de Deus arquejava em *riba* do batente e morreu alí mesmo.

Tomé ouvia atento a narração da Merência, achando sabor na sua linguagem.

— Bom, comadre, a conversa está muito boa, mas já vou indo.

— Tão cedo!

Tomé saiu pelo terreiro, para tomar o cavalo.

Sentada no pau da porteira, Maria sacudia uma cuia com milho, chamando para a ração da manhã as galinhas que, alvoroçadas, vinham do mato, aos bandos, cacarejando.

Os capotes voavam alto, para chegar mais depressa, estridulando — *tô fraco, tô fraco...*

A pintalhada miúda chegava atrasada, esgravatando o chão, atrás de uma migalha.

Ao lado, Cosme piruetava, dava cambalhotas, jogava para o ar duas carnaúbas, aparando, com presteza, ora uma, ora outra.

Tomé parou, apreciando a cena.

Do tamarineiro vinha um cheiro de tamarindos maduros.

Sentiu na bôca um travo.

Por meio de acenos, pediu a Cosme que tirasse alguns.

O surdo-mudo subiu e se pôs a sacudir os galhos da árvore.

Sôbre o chão rolaram tamarindos. Cairam dois dentro da cuia que Maria ainda tinha ao colo.

— Êstes estão bons.

Tomé se aproximou, apanhou-os dentro da vasilha que a rapariga lhe estendia.

A árvore, de fôlhas miúdas, coava os raios de sol, polvilhava-os sôbre os cabelos de Maria, dentro de seus olhos, tornando-os mais claros.

Um calor de seiva, de mocidade, irradiava de seu rosto moreno.

Tomé sentiu o cheiro dos seus cabelos soltos, húmidos do banho.

— Até amanhã.

Vendo Tomé se encaminhar para o cavalo, Cosme desceu do tamarineiro, como uma flecha. Pôs-se a dar cambalhotas, fazendo-lhe festas, esforçando-se por merecer a sua atenção.

Num trote largo, Tomé tomou a estrada, desaparecendo entre as árvores.

O sol das nove horas lhe fustigava o rosto. Puxou o chapéu para a frente.

Pôs-se a pensar em Maria, nos seus olhos risonhos e tímidos ao mesmo tempo. E, por uma associação de idéias, veio-lhe à mente a figura de Juvêncio, com seu chapéu de couro, ombros largos.

Curvada sob o pêso de um feixe de lenha a tia Leocádia vinha caminhando pela estrada. Dirigia-se para a sua choupana, que ficava na encruzilhada. Suas pernas apareciam por baixo da saia arregaçada, como dois galhos secos. Olhava de lado, com a cabeça trêmula, pendida.

— Coitada da tia Leocádia! Já tão velhinha, ainda a lutar, arrastando os seus noventa anos!

Atirou-lhe uns níqueis, saudando-a.

A velhinha parou, rindo, com sua bôca funda, procurando reconhecer o cavaleiro, através da névoa dos olhos.

— Deus te guie, Deus te abençoe.

Tomé já ia adiante, meio coberto pela poeira que o animal levantava.

8

Espevitando as labaredas do fogão, amortecidas sob a cinza, Maria colocava gravetos, que se inflamavam e logo se desfaziam.

Lembrou-se do que lhe tinha dito Cotinha — ser assim o amor dos homens.

Juvêncio tinha partido já há três semanas para o Piauí e não mandava notícias.

Um princípio de desconfiança começava a inquietá-la.

Sentou-se no banco, pôs-se a descascar as macaxeiras que João Policarpo tinha colhido, na véspera.

Não lhe saía da mente a mulher-tentação que Cotinha lhe tinha descrito! Feia que fosse, sabia prender um homem para toda a vida!

— Deixam mulher, deixam filho, deixam tudo!

Ao escurecer, foi em casa da Cotinha, desabafar as suas dúvidas.

— Espere que êle venha. A gente conhece

logo. Paixão dessas, por aí, é mesmo que lagarta de fogo. Deixa a marca.

Eu me encarrego de te dizer, sem que ninguém venha me contar. Nestas coisas sou matreira. Só me enganei uma vez e esta serviu p'ra me ensinar p'ra o resto da vida.

Maria tinha os olhos muito abertos, fixos no rosto da Cotinha, como para não perder nenhuma das suas palavras experimentadas.

Passou uma aragem, jogando fôlhas no chão.

A lua surgia, lá em baixo, grande, redonda. Em sua ascensão prolongava sombras, punha em relêvo as moitas, os espinheiros de conformação exótica, os ranchos de palha, que semelhavam, ao longe, corcovas de animais, deitados na planície.

Cotinha suspirou.

— Noite bonita! Tal qual como naqueles tempos!

Diz que a lua bole com a gente, transtorna a cabeça, dá mau conselho. Sei não, mas penso que é assim mesmo. Às vezes a gente está quieta, sossegada, numa noite assim embebeda-se dessa luz de malefício, perde o juízo...

Cotinha tremeu a fala, teve uma explosão de soluços.

Enxugou o rosto na manga do vestido.

Daí a pouco, Maria se despedia. — Já estava tarde.

— Vou contigo.

Dos terreiros vinham ladridos de cães, que se punham em guarda, ao rumor de seus passos.

A lagoa brilhava, fendida por uma flecha de luz e dos aguapés abertos à tona d'água, vinha um sutilíssimo perfume.

Maria não respondia a uma ou outra palavra dispersa que a companheira dizia, para quebrar o silêncio.

9

No dia seguinte a Colondongo meteu a cabeça pela janela da casa de João Policarpo.

Maria fazia renda.

— Entre, tia Teresa.

— *Cadê* o noivo? Quando é o casamento? Olhe menina, tenha cuidado! Homem junto de moça todo dia é mesmo que fogo na beira de paiol.

Maria olhou para a velha, sem compreender.

— Estão dizendo por aí que *seu* Tomézinho anda atrás de você.

— Credo, tia Teresa! Não gosto dessas graças!

Teresa deu uma risada falsa.

— Não vá se zangar, bichinha. Não sou eu que digo! Estou só avisando.

Escapuliu sorrateira, entrou no quarto da Merência.

Palpar as chagas dos seus semelhantes aliviava a sua desgraça que era aquele filho, que

era a penúria em que se consumia, sem ter um braço de homem para ajudá-la.

Naquela manhã Merência estava mais queixosa, suas dôres voltaram.

Teresa a lastimava, mas dizia consigo que aquilo era luxo.

Tinha se acostumado a estar de rede o dia inteiro, tendo quem a servisse! Bem mal que ela pudesse ter êsse estadão! Era acordar de madrugada e trabalhar o dia inteiro, na enxada, na cozinha, na lavagem da roupa. Aquele filho nascera, pondo uma cruz pesada nas suas costas. Ainda tinha que andar espiando, vigiando para êle não fazer alguma estrepolia por aí.

Maria ficou atordoada com a descoberta da Colondongo.

De onde ela tinha tirado semelhante coisa?

Gente ruim! levantadeira de falso!

10

Com as madrugadas frescas de junho, Merência peorou da asma.

Não podia dormir à noite com o puxado e ficava a pensar, a pensar tanta coisa, a relembrar a sua vida passada.

Um sorriso aclarava a sua feição. — Era a mocidade feliz que se desdobrava em seu pensamento, nos tempos prósperos de inverno e de fartura, na sua casinha, ao pé da serra da Meruóca.

Revia-se forte, sadia, labutando, indo ao roçado quebrar as espigas de milho, arrancar da terra as batatas doces, a macacheira, cortar cana.

No tempo da colheita enchia cargas e cargas de gerimuns, melancias, melões que o João ia levar à feira, lá em cima, no povoado.

E de volta, era um vestido novo de chita, um chale, uns sapatos de cordavão para ela ir à missa aos domingos, a um samba, na vizinhança.

Tempo feliz!

Outras vezes as lágrimas deslizavam por seu rosto. — Eram as horas amargas que se intrometiam e vinham se fazer de lembradas.

De repente levantava-se na rede, em sobressalto.

A tragédia do filho, afogado no rio, tumultuava em sua mente.

Sentia uma angústia, uma aflição; o seu primeiro impulso era se levantar.

Estava tão fraca, e uma noite de insônia gasta tanto as energias!

Procurava se acalmar. — Tudo já ia longe. Não valia a pena pensar mais. Tomé, o seu filho de criação, que ela queria tanto, estava alí perto; quando amanhecesse o dia, viria visitá-la. Com êsse pensamento de esperança, Merência passava um ligeiro sono, na grande noite silenciosa.

Depois de tomar, sem resultado, os remédios caseiros, Merência resolveu mandar consultar a Farelo.

Maria montou no Alazão e saíu, uma manhã, cedinho.

Levava, num urú de palha, uma dúzia de ovos frescos e uma franga, a mais bonita do quintal, para presenteá-la.

Ao passar pela estrada de ferro, olhou para cima da colina, onde ficava a casa grande.

O Alazão, acostumado a percorrer aquele caminho, foi se dirigindo para lá.

Maria suspendeu o freio. O cavalo relinchou e insistiu, sacudindo a crina.

Uma chibatada lhe tirou a teima.

Os pássaros voavam de uma árvore para outra, com palha ou lagarto nos bicos, na tarefa de construir e criar.

Cabras puxavam galhos das mutambeiras, punham-se a remoer, babando.

Mais adiante, numa curva do caminho, Maria avistou, outra vez, a casa grande, toda branca, cintilando, ao sol, as vidraças largas.

O moinho acenava de longe, movendo as asas.

O trem apitou.

Maria, que já ia chegando, segurou a forquilha, fincada no terreiro da casa da Farelo, para fazer parar o Alazão, que se assustou e ia tomando o chouto.

A franga pôs-se a gritar, dentro do urú.

A porta se abriu e a Farelo apareceu.

Seus cabelos escorriam numa trança desmanchada. O olhar penetrava, com uma dureza de vidro.

Maria entregou os presentes e fez a consulta.

A curandeira receitou emplastros quentes e chá de cardo santo.

Demorando os olhos agudos no rosto de Maria, sentenciou:

— Cautela, menina! Há desgraça no teu caminho.

Maria sentiu a vista escurecer.

Sem procurar saber mais nada, se despediu.

— Adeus, tia Joana. Deus lhe pague.

— Êle te guarde.

Foi pela beira do rio, para apanhar o cardo santo, sentindo uma zoada nos ouvidos.

— Ande! O que foi que a Farelo disse? Se não fosse o meu filho, você não me achava mais, não. Êle é que esteve me abanando p'ra eu não morrer sufocada.

Maria se debruçou no punho da rede, atordoada ainda pelo susto que as palavras da Joana tinham lhe causado.

Saíam faíscas dos seus olhos. O grupo, formado por Merência e Tomé, lhe aparecia, com intermitências de luz.

O amarelo quente do sol que guardava na retina, se interpunha de vez em quando.

Os olhos de Tomé pousaram-se, luminosos, sôbre ela.

— E' bom fazer logo o chá. Eu fico ainda com a comadre.

Maria saíu.

— Eram azues os olhos de Tomé? Tinham lhe parecido verdes aquela manhã, em baixo do tamarineiro, e, agora, na penumbra da camarinha, estavam azues.

Dormiu mal a noite, sonhando com uns olhos, ora verdes, ora azues, que a perseguiam. Fugia, correndo pelos matos. Os espinheiros lhe rasgavam o vestido e as carnes.

Uma cobra surgiu no caminho. Tinha aqueles mesmos olhos.

Maria acordou assustada, sentindo um mal-estar do pesadelo. Levantou-se antes do dia clarear, abriu a porta.

A estrêla d'alva esmaecia, num tremeluzir falho de diamante.

Sentou-se no batente, puxou a saia para agasalhar os pés e se deixou ficar alí, pensando na vida, nos vaticínios da Farelo.

Tingiram o horizonte as primeiras barras côr de rosa.

Rumor em surdina de pequeninas vidas que palpitam, rastejam, esvoaçam, trilos, gorjeios, anunciavam o despertar do dia.

Com um apêrto no coração, Maria ergueu a cabeça, alongando a vista pela estrada, por onde o noivo tinha partido.

E sem se aperceber, volvia o pensamento à cena do dia anterior: — Tomé aquecendo, entre as suas, as mãos da Merência.

O dia clareava.

Cotinha deu bom dia, de longe. Ia com pressa, mas, como Maria não lhe correspondeu, aproximou-se, com o seu passozinho curto.

Os cabelos repuxados para trás, num coque, retesavam-lhe os olhos miúdos e garços.

Maria abriu a bôca para perguntar à Cotinha, que sabia tudo, porque é que os olhos de Tomé ora pareciam verdes, ora azues.

Cotinha a interrompeu, metendo outra conversa.

Afinal pôde intrometer a questão.

— E' assim como água da lagoa: Verde quando está embaixo do canavial, azul quando o céu se embebe nela.

Maria não se deu por satisfeita. A água da lagoa toma a côr do céu ou do canavial; e os olhos de Tomé?

Cotinha despediu-se.

Ia tratar da Joaquina, que tinha apanhado um resfriado forte.

Era a enfermeira daquela gente. Quem necessitava de auxílio, batia à sua porta. Não sabia dizer não a pessoa nenhuma.

Benta é que não gostava dêsses excessos de caridade. Precisava bem que a ajudassem com os filhos — uma escadinha de um a doze anos.

Cotinha arranjou com a Jacinta uma rede para a Joaquina, que não se aguentava mais na dela, cheia de remendos.

Pôs em cima da janela um pote de alecrim para purificar o ar e pôs-se a varrer, depois de ter regado ligeiramente o chão batido, para não levantar poeira.

A tábua de engomar, que a Joaquina tinha deixado a um canto, como recordação da filha, não escapou aos seus cuidados. Arrumou-a em cima de uns tocos de carnaúba que rolavam no terreiro, improvisando um banco.

— Que boa fada veio te visitar, Joaquina?

— Ah! meu branco, Deus não desampara os pobres. *Me faltou* a filha, mas cá está esta que vale por duas.

Os elogios à enfermeira foram interrompidos por um acesso de tosse, que sacudiu o corpo velho da Joaquina.

Cotinha lhe deu uma colher de xarope de erva do mato, agasalhou-a bem.

Enquanto a doente repousava, Tomé e Cotinha conversavam, em voz baixa.

— E a Zefa? Não tiveram mais notícias?

— Aí há tempos *seu* Libânio ouviu dizer que ela andava pelo arraial de Soure.

Não quis o Procópio! Bem que êle falou em casamento, umas poucas de vezes, mas era feio, escuro.

— O Procópio? Ah! me lembro! Andava aí, prestando serviços à Joaquina, cortando lenha.

— Depois que ela fugiu, o Procópio desapareceu. Nunca mais se teve notícia.

11

João Policarpo recomeçou a construção do quarto destinado ao novo casal.

Coivara madrugava no trabalho.

Despejava água no montão de barro, amassava.

Com o fumo ao canto da bôca, mascava e cuspia pardo para o lado.

João Policarpo preparava os tijolos, aplainava, tirava as asperezas com a colher de pedreiro.

— Vamos, mestre Coivara! *Sustança* na munheca. O noivo está aí, está chegando. Se não fosse aquela chuvinha birrenta, a obra já estava levantada.

— Antes chuva que sêca, *seu* João. Se faltar *de comer* ao menos *de beber* tem com fartura.

— *Vosmincê* andou lá pelo Amazonas na última sêca, *seu* Coivara?

— *Inhor* sim.

— Não gostou das bandas de lá?

— O lugar é bom, mas a gente não acha

jeito. Está acostumado com êste pedacinho de terra, estranha. Tudo faz falta. Mesmo tendo o *de comer* de todo o dia, parece que não vive. Falta uma coisa e se tem notícia de que a *chuva choveu* e já se pode plantar, a única lembrança é voltar. E vem vindo tudo, cheio de esperança e começa-se de novo. Levanta-se outra vez a taperazinha de palha, que já caíu enquanto se esteve lá por longe, *cavuca-se* a terra, semeia-se o grão e vai tudo de novo brotando, com a primeira chuva e daí a pouco é a espiga, é a vagem, está tudo aí outra vez.

Só aonde se vive direito é aquí, nos nossos ranchinhos. A gente já conhece a terra, só acha gôsto no que ela dá. E dá muita coisa boa. Só a carnaúba quasi que chega p'ra tudo que se carece. Dá os esteios p'ra os ranchos, palha p'ra cobrir, dá a rede, a fruta, a vela, a goma p'ra se comer e ainda ajuda a gente a viver, tirando dela o cesto, o abano, o urú.

— E lá pelo Amazonas viviam com fartura?

— Graças a Deus não faltava nada, não. Eu me engajei lá num negócio de borracha, ia bem, fiz uma casinha de pedra e cal, os filhos já tinham se aclimatado, mas um dia o Mané Leôncio passou pela nossa porta, vinha de volta; disse que aquí já tinham caído as primeiras chuvas, era inverno na certa e do bom. *Antonces* vendí a casinha por pouco mais ou nada, fizemos as nossas trouxas e nos metemos na primeira gaiola que atravessou o rio. Daí embarcámos no primeiro vapor.

— E' isto mesmo, mestre Coivara. Graças a Deus nunca precisei sair, ir p'ra outras terras por via da sêca. O mais que chego é até o *Ceará*. Mas não me aclimato por lá, não. Sinto falta do meu sertão e vou logo voltando quando acho jeito.

Maria acompanhava o trabalho, de longe.

De um dia para outro as paredes subiam.

Umas pancadas fortes, surdas.

Eram os tocos de madeira que êles intrometiam na parede para sustentar os armadores.

— Firme, *seu* Coivara! Olhe que é p'ra dois. Juvêncio é mesmo que um touro. Pesa como não sei que diga!

Maria segurou o coração, que andava meio descompassado.

Afinal o quarto pôs-se em pé, com telhado, porta e janela.

Veio por último a brocha de cal. Alvejou tudo.

12

Maria foi para o rio, apanhar água.

Lá mais em baixo, a Júlia, a Maria Pato, a Cotinha e outras raparigas enchiam os potes, de joelhos, sôbre a areia.

Suas risadas ressoavam um pouco abafadas pelo ruído d'água que despejavam, batendo com as cuias.

Maria não desceu para se entreter com as companheiras.

A descoberta da Colondongo e a profecia da feiticeira a tinham deixado inquieta.

Tinha vontade de se expandir com a Cotinha, contar-lhe as suas apreensões, mas tinha receio.

— Mato tem olhos, parede tem ouvidos.

Subiu a ribanceira.

Quando ia tomando o caminho, ladeado de carnaubeiras, sentiu passos.

Era Tomé, de espingarda ao ombro.

— Estava caçando. Já tinha morto um tatú,

algumas avoantes. Avistara-a de longe, tinha se aproximado.

Maria sentiu o sangue lhe subir ao rosto.

— Parece mais que está pescando. A beira do rio! pensou.

Dentro das moitas um bentevi repetia estridulamente a sua frase, desafiando o caçador, que não parecia muito interessado pela caça.

Ouvia-se o rumor de vozes e risadas vindo lá de baixo, meio apagado pela distância.

— Já vou indo.

Maria saiu ligeira. Sem haver nada entre êles, sem nem ao menos falar com Tomé a Colondongo já estava inventando aquela história de fogo em beira de paiol! Imagine se a vissem, acompanhada por êle! Gente cheia de maldade! Não se podia viver sossegada.

Já estava perto de casa quando Tomé se atravessou, outra vez, no seu caminho. Maria fez um esfôrço para disfarçar a sua contrariedade.

— Agora mesmo quasi mato um tejuassú. A Joaquina encomendou-me um para tirar a banha, que, diz ela, é remédio infalível para dôr de garganta e tudo quanto é tumor.

A comadre está melhor?

— Melhorou, graças a Deus.

— Agora é que vou dar um pulo até lá.

O sol já está quente. Os tejuassús não saem mais de dentro das tocas.

Maria, que procurava um pretêsto para fugir dele, outra vez, viu-se obrigada, por uma fôrça irresistível, a olhar para os seus olhos.

Como não distinguisse a côr, logo de relance, olhou de novo.

Eram verdes, não havia dúvida.

Tomé fitou-a, sem compreender a insistência.

Fizeram, em silêncio, o resto da caminhada até à casa, que já se avistava, perto.

13

Tomé voltou na noite seguinte.

Entrou para ver a Merência.

Depois da visita feita, deitou-se na rede de tucum, acendeu um cigarro.

Daí a pouco João Policarpo chegava, acompanhado por um matuto alto, vestido com um gibão de couro.

— Oh! *seu* Tomézinho, muito boas noites.

— Vá entrando, *seu* Marcolino. A casa é sua.

O matuto curvou-se para entrar na porta. Quasi que enchia toda a sala com o seu tamanho.

— Filha, está aquí *seu* Marcolino, que viu Juvêncio no Piauí.

— E' verdade, *inhor* sim.

Êle mandou dizer que está doente: por via disso é que está demorando. Deu-lhe uma febre, que chega assim, de manhãzinha, alí pelas oito horas e vai aumentando com o dia. Depois vem uma tremedeira, que lhe sacode os queixos num *baticum* que mete mêdo.

— Deve ser sezão.

— Não sei, *inhor* não. O homem está bom, está conversando, de repente vem a febre, fica mofino, lesado, nem fôrça tem p'ra se mexer.

Tomé olhou para Maria, procurando ver na sua fisionomia a impressão que a notícia da moléstia do noivo lhe causava.

— Diga que tome iodureto. E' tiro e queda.

Volteando o chapéu de couro, suarento, entre as mãos, o matuto repetiu os recados de Juvêncio, com outras expressões.

— Amanhã estou de volta, se Deus quiser e às ordens p'ra qualquer coisa.

— Pois diga a Juvêncio que aqui estamos também muito saudosos, que fique bom depressa e venha, que a noiva está à espera e o quarto já levantado, com tranca e tudo. Muito obrigado, *seu* Marcolino.

— *Nanja* por isso.

Marcolino saiu, enchendo a porta com seus ombros.

Tomé se despediu, logo depois.

Pelo caminho ia refazendo as cenas simples e rústicas, passadas na casa de João Policarpo e não compreendia como pudessem perdurar em seu pensamento.

Os mofumbeiros desprendiam, ao vento da noite, um perfume agradável.

Como que sentindo prazer naquela excursão, por uma noite assim clara e perfumada, o animal caminhava num trote leve, macio.

Lá em cima, no céu, a lua caminhava também, acompanhando o viajante. Pelo menos era essa a impressão de Tomé, ao contemplá-la.

Procurava achar a causa dêsse curioso fenômeno de ilusão, mas a silhueta de Maria, esbatida pela luz vacilante da lamparina de azeite, interpunha-se, imóvel, enquanto Marcolino falava do noivo ausente, da moléstia que o estava detendo, ainda por tempo indefinido, no Piauí.

14

— Eu era meninote. Andava alí nos meus dezesseis anos quando, um dia, ia mais meu pai marchando a cavalo, no caminho da Meruóca.

O sol encandeava. O matapasto novo cobria os campos de um lençol verde, estirado por alí afora, que parecia um milagre de Deus, p'ra quem tinha visto, há pouco tempo, aqueles sertões esturricados.

Íamos nós muito quietos quando avistámos um ponto escuro no céu. O ponto escuro foi aumentando, e fechou-se numa nuvem carregada.

Meu pai *arrumou* a espora no animal.

— Aquilo é chuva, menino, e da boa. *Açulera* a marcha.

Dei uma cipoada no cavalo e voámos por alí afora, atrás de um rancho onde passar a chuva.

A nuvem foi descendo, meu senhorzinho, ficando preta e nada da chuva cair. *Cadê* sol? Estava escuro como breu!

Meu pai dizia:

— Quando ela chegar em *riba* de nós, é p'rá afogar. Vem com uma carga danada! Toda a chuva que tinha de chover o ano passado vem alí.

Eu fiz o — pelo sinal — encomendei a alma a Deus.

— São Francisco de Canindé, valei-nos!

Começou um barulho feito um trovão dentro de um buraco.

Entrámos p'ra dentro da mata p'ra não receber a chuva assim, de venta!

Meu senhor, a chuva tinha pés e asas que voavam e foram se alastrando pelo campo, como uma coisa do outro mundo.

Tomé acendeu um cigarro, tomando interêsse pela narração.

Junto à janela, Maria fazia renda. De vez em quando parava os bilros para ouvir melhor.

— Eram as avoantes que vinham vindo, não se sabe de onde, naquele *vu-vu* de asas e arrulhando. Era o que fazia a trovoada. Vinham à cata das aguadas.

Num instante aquele campo ficou coalhadinho de ovos.

As pombas iam pousando no chão e deixando os ovos.

Vosmincê não imagina que coisa nunca vista!

Fomos logo descendo do animal e enchen-

do dois caçuás que a gente levava p'ra serra, vazios.

E nunca mais que a nuvem se acabava por mais que o campo se enchesse de asas.

Daí a pouco chegava um, chegava outro p'ra ver o que era e iam ficando entretidos na apanha dos ovos e avoantes que, naquele fim de sêca, era uma esmola de Deus.

E iam levantando ranchos com quatro esteios, garranchos e palha, faziam uma trempe, armavam a rede e estava pronto.

Agora toca a apanhar rôla.

Depois de uma fome de muitos meses, *vosmincê* calcule o gôsto daquela carnezinha tenra e daqueles ovos cozidos!

Era só sapecar avoante na brasa e botar p'ra dentro com pirão d'água.

Num instante aquele deserto ficou que nem um arraial, alegre, festeiro, cheio de gente.

De noite as sanfonas e as violas se altercavam. Uma falava grosso, a outra respondia fino.

Até se dansava, no meio do tempo.

Vosmincê quer saber como se apanhava a caça?

João Policarpo parou, esgravatou o cachimbo com a ponta da faca, chupou e depois que espevitou a fagulha e o cheiro do fumo rescendeu, continuou:

— Fazia-se um fojo na beira das aguadas — *armava-se* quatro paus, *trançava-se* uns galhos. A gente se escondia por detrás e ficava alí, de alcatéia, com as mãos dentro d'água.

Quando as rôlas metiam a cabeça, p'ra beber, ia se pegando.

A rede parou.

— Nos ranchos, as mulheres depenavam, *zás, zás*, tiravam as tripas, as cabeças e agora a salga dentro das cuias de cabaça.

Amarrava-se embira de uma árvore p'ra outra e ia-se dependurando as aves, amarradas duas a duas, pelos pés p'ra secar. Era um estaleiro que não acabava mais.

E iam chegando comboios com fumo, fazenda, farinha, aguardente, que era pago em avoante.

Cargas e mais cargas, entrando e saindo como numa feira.

Os gaviões também se chegavam p'ra festança. Peneirava lá em *riba* uma nuvem preta! Iam descendo e carregando avoante espetada no bico. Cossacos, nem digo! Só vendo como bebiam o sangue das bichinhas!

Cobras, sapos, tejuassús, tudo se sustentava de avoante.

Vendia-se uma por um vintém e se fez um dinheirão!

João Policarpo se levantou, pigarreou, foi ao pote beber.

Os bilros puseram-se a bater mais ligeiros, acompanhando, com estalos, a toada monótona, que os armadores recomeçavam.

15

Festejava-se a noite de São João na fazenda do Costinha.

De véspera, Rita espalhara convites por toda a redondeza, recomendando a cada pessoa que não faltasse.

Até para a serra, ao Venâncio e à Sebastiana Quenga, expedira um portador com o sugestivo — não falte.

Ainda com dia, João Policarpo se pôs a caminho com a filha, a Cotinha, a Júlia e a Maria Pato.

Chegaram com escuro.

A casa, cheia de luzes, alegre e festiva, enfeitada de galhos de aroeira pelos cantos e em arco nas portas, parecia uma barraca de leilão.

Em frente ardia a fogueira.

A dona da casa promovia distrações, impaciente com a demora dos músicos.

— Anda, Neca. Tomé já está aí mais a gente do João. Vão tirando sortes.

Neca se mirou, ainda uma vez, ao espêlho, pregado à paredo, por baixo de um quadro de Nossa Senhora das Dôres, de onde pendia uma palha benta.

Colocou umas flores de maravilha nos cabelos e foi receber os recém-chegados.

Estava sempre em casa de Genésio Cintra, de quem era afilhada. Rita a destinava a Tomé.

— Era de côr, mas o marido, português, era mais branco que todos êles.

Da última vez que esteve em Sobral, Tomé lhe deu o desengano definitivo.

Neca pôs-se a namorar o Cazuza, o filho do boticário, terceiro anista do Seminário, que estava em casa da família, convalescendo de uma pneumonia.

Foi um amor explosivo de parte a parte, causando escândalo entre aquela gente de extremada religião.

Cazuza não voltou ao Seminário.

Todas as noites se encontravam na novena de maio.

Neca esperava que, no dia do leilão êle falasse em casamento. Na véspera, ainda deitada, fazia os seus castelos, pensando no que êle havia de dizer; preparava as respostas, mirando as unhas quando ouviu a voz do pai, que vinha chegando.

Levantou-se, sobressaltada.

— Tinha vindo buscá-la.

Quando a madrinha entrou no quarto, queixôu-se, deitando-se de novo.

— Não podia se levantar, estava com uma dôr de cabeça terrível! Parecia indigestão.

O Costinha, muito alto, muito forte, entrou de botas, com uma risada que lhe era peculiar quando estava contrariado.

Já lhe tinha chegado aos ouvidos o atentado que a filha estava cometendo contra a igreja.

Fora dos seus hábitos, dormiu em Sobral para levá-la no dia seguinte.

Neca se resignou.

— Também não valia a pena ficar. Vendo-a com o pai ao lado, daquele tamanho e com cara de poucos amigos, Cazuza não teria coragem nem de lhe oferecer um prato de queijadas, quanto mais de falar em casamento.

Os músicos retardados chegaram por fim.

Ao redor da fogueira, as raparigas tiravam sorte, saltavam sôbre tições acesos, repetindo a saudação ao santo do dia.

— Viva São João, meu compadre.

— Viva São João, minha comadre.

Mulheres e crianças assavam espigas de milho verde, metidas em espetos, sôbre as brasas da fogueira.

Violas e cavaquinhos começaram a afinação e as dansas não se fizeram esperar.

Licínio, um mulato pernóstico que tinha vindo da serra, instado e rogado para dar o tom da festa, marcava a quadrilha, com a trunfa sacudida e os olhos acesos.

— *Balancê! À lavandeira! Enchimento de dama!*

Com a blusa vermelha, molhada de suor, Cotinha arquejava de cansaço e a Júlia, com os pés em brasa, escondia-se do Licínio, que não deixava ninguém nos cantos, sem dansar.

Nos intervalos, entravam bandejas com aluá, cauim.

Os matutos tiravam o cachimbo da bôca, cuspiam para o lado, mesmo dentro da sala, tomavam dois, três copos seguidos.

Neca, falava e ria ao lado de Tomé, puxava-o pelo braço, levava-o, para dansar.

Maria desapareceu da sala.

Notando a sua ausência, Cotinha entrou, à sua procura.

— O que é isto? Está chorando? Ora! Deixe isto p'ra mim. O que é? O que é que você tem? Ande! Fale!

— Não é nada. Deu-me de repente um *fulato!*

Maria assoou-se, enxugou o rosto, procurando se acalmar, com receio de que mais alguém viesse surpreendê-la.

— Ande! Lave o rosto e venha p'ra sala. Deixe de bobagem. Não estrague a sua mocidade chorando. Tem muito tempo p'ra chorar. Os homens merecem a nossa tristeza?

A meia noite, pesado de sono, João Policarpo lembrou à filha e às outras companheiras que já estavam na hora de ir para casa.

Tomé tomou o chapéu.

— Ia também para aproveitar a companhia.

Vendo-o, de chapéu na mão, Neca sapateou no meio da sala, como uma criança, agastada.

— Não senhor, não ia, não. Tinha que ver! Sair àquela hora, quando a festa estava ficando boa! Não consentia!

Obrigou-o a dar o chapéu.

— Só saía de lá de manhã, depois de tomar café.

Maria seguiu calada entre as companheiras, que riam, contavam casos.

Júlia dava expansão ao seu gênio alegre.

— Se não fossem os sapatos apertados, gostava de ficar até o fim. Estava muito animada a festa. Tinha dansado a valer! E mesmo estava achando graça no namôro da Neca com *seu* Tomézinho.

Chamou o testemunho das companheiras.

— Não tinham reparado? Não se enxergava, não, aquela mulata disfarçada!

Cotinha deu o braço a Maria e adiantou-se do grupo.

— Tive notícia do Gaudêncio agorinha mesmo. *Seu* Venâncio me contou tudo. A mulher que *prendia êle*, por lá, teve um estupor.

Foi prá debaixo da terra.

Era feia; bem que eu disse que *havéra* de ser feia.

Cotinha respirou, ofegante.

— Agora Gaudêncio está livre.

A-pesar-de toda a sua bondade, Cotinha tinha a feição iluminada, contando a desgraça da outra.

16

Cotinha tinha se deitado quando ouviu um zunzum de vozes alteradas no quarto de Benta.

Meteu a cabeça fora da porta, pôs-se a escutar.

— Eu só quero ver se você ainda vai lá, com essa conversa de troca de serviço com o Bartolomeu.

A Quitéria se quiser que bote o pote na cabeça e vá buscar água. E ainda me deixa aquí nessa consumição, com êsse bando de filho doente e se larga p'ros sambas!

O filho menor do casal, o Mundinho, que dormia numa rede atravessada ao canto do quarto, acordou com o barulho das vozes e, levantando a cabeça, estremunhado, pôs-se a esfregar a sapiranga dos olhos. Vendo que os pais altercavam, começou a choramingar, baixinho, com mêdo dos ralhos.

O Porfírio se desculpava, sungando as calças, mandava a mulher falar baixo — estava se ouvindo lá dentro, acordava os meninos. P'ra

que tanto barulho por uma besteira? Não queria que fosse em casa do Bartolomeu, não ia.

Bateu a cinza do cachimbo em cima da janela.

— Estava acabado.

Estranhando a humildade do marido, Benta ainda bateu bôca, ameaçou.

Cotinha teve vontade de intervir, acomodar a irmã, mas achou melhor deixar que êles se entendessem.

Sentado na rede, Mundinho pôs-se a chupar o dedo, levantando de vez em quando o chôro e acabou pegando no sono.

As vozes foram se acalmando. Fez-se por fim silêncio, um silêncio reconciliador.

Durante o resto da noite, o par principal da festa não saíu dos sonhos e do pensamento de Maria, sempre unido, de braços ou dansando.

Os cabelos frisados da Neca tocavam o rosto de Tomé. Seu braço se enroscava no braço dele como a cauda de uma serpente.

Tomava-lhe o chapéu.

— Não senhor, só sai daquí, quando o dia clarear, depois de tomar café.

Maria sentia o cheiro ativo do pó de arroz que a Neca usava.

Seus olhinhos miúdos, de pestanas espêssas e curtas, riam, não a deixavam dormir.

A noite, quando Tomé apareceu, encontrou-

a na sala, remendando roupa. Tinha na feição traços da noite mal passada.

Ouvindo a fala de Tomé, João apareceu na porta do quarto.

— Muito boas nôites. Agora é que *vosmincê* está voltando da festa?

— Nem tanto, compadre! Dansei só até de manhã. As seis horas tomei café e vim para casa. Dormí o resto do dia. Estava fatigado. Dansei a noite inteira. O Licínio não deixava ninguém sossegar.

João Policarpo deu uma risada.

— Não era só o Licínio que não deixava *vosmincê* sossegar.

Maria levantou a costura perto dos olhos como se escasseasse a luz.

— As filhas do fazendeiro Bento são interessantes; a mais moça — a Caçula, é bem bonitinha. Ficaram em casa do Costinha passando uns dias. Insistiram para que eu fosse, hoje, ao entêrro dos ossos.

Merência deu seu aparte, lá de dentro.

— E a Neca?

— Ora! Vocês estão sonhando? Neca tem toda intimidade comigo, quasi se criou lá em casa. Não temos nada um com o outro.

Fez-se um silêncio.

Lá fora, os cães começaram a uivar. Maria levantou-se, abriu a porta que dava para o terreiro.

O clarão da lua cheia entrou, acompanhado do cheiro sadio da vegetação orvalhada.

— Tem aparecido ladrões por aquí, *seu* Tomézinho. De vez em quando some-se uma galinha.

— Qual ladrões, compadre! De onde é que vocês tiram ladrões por essas bandas? Com certeza são as raposas.

— *Inhor* não. Ainda não tinha dito a *vosmincê*. Sumiu-se ontem uma cabra. Como *vosmincê* sabe, desapareceram, a semana passada, dois cabritinhos.

— E' possível? Por aquí só há gente boa.

João Policarpo baixou a voz.

— Sei não, não quero dizer assim, mas tenho minhas desconfianças dêsse agregado que chegou aí, há pouco tempo, do Camocim, o Bartolomeu.

— E' bom verificar isso, assim vai toda a criação.

Tomé falava com desprendimento, sem interêsse, como se estivesse pensando noutra coisa.

17

Maria abriu a porta, esbarrou com o pé num corpo.

— Cosme, o que é que você está fazendo aí?

O surdo-mudo envesgou os olhos, grunhiu qualquer coisa, alargando a bôca.

— Vá p'ra casa. Tia Teresa está chamando.

Um não sei que de estranho na figura de Cosme lhe causava temor. Eram as feições entumecidas, eram os olhos, que se acendiam, às vezes, de uma maneira diferente.

O surdo-mudo não se mexeu do lugar.

— Levante-se, Cosme. Vá s'embora. Eu chamo a tia Teresa. Acenava para que êle a entendesse.

Cosme compreendeu que estava sendo enxotado. Levantou-se, eriçando a corcunda e saíu.

Vendo-o se afastar, Maria teve pena, quis dizer-lhe uma palavra amiga, mas receiou que êle voltasse.

Uma viração agradável começou a soprar, amenizando a temperatura escaldante.

Maria foi ao quintal recolher a roupa, que estava a secar, na corda.

Avistou, lá longe, um vulto, que vinha caminhando, devagar. Firmou a vista. Pareceu-lhe a Neca. Seria possível! Era ela mesma. Julinho vinha atrás, mancando.

Jogou a roupa, sem dobrar, em cima do girau e foi se arranjar às pressas para receber a visita.

Neca entrou, num espalhafato de perguntas.

— Como está, Maria? Como está sua mãe? O que há de novo por aquí? Tomé tem aparecido?

Sentou-se e continuou a falar. Procurava sustentar a conversa, a despeito do mutismo e das maneiras pouco acolhedoras da dona da casa.

As poucas palavras com que Maria lhe respondia, foram deixando se esgotar o assunto.

Julinho se levantou para espantar o sono. Apanhou, no terreiro, umas castanhas de cajú que estavam a secar e, colocando a maior, a certa distância, pôs-se a jogar as outras, com o dedo em arco, procurando alvejar a primeira.

Neca ia à janela, voltava, perguntava outra vez pelas novidades e afinal, vendo que o tempo mudava, se despediu. — Parecia que ia chover.

Deixou recados para Tomé, que aparecesse, não se esquecesse dela, que era muito ingrato.

Tinha urgência em lhe falar. Ia escrever à madrinha, fazendo queixa.

Maria respirou, vendo-a longe.

— *Intojada!*

O vento começou a soprar.

Daí a instantes, gotas pesadas caíam precipitadamente, levantando um cheiro forte da terra.

Maria enxaguou o pote, com a feição da Neca na retina, esperou que a chuva lavasse as têlhas.

Quando começou a correr água limpa, pôs o pote em baixo da bica.

18

No terreiro da casa do João Policarpo, os pés de melancia-da-praia estavam carregados de frutos — miniaturas de árvores, redondinhas, baixas.

Os maduros destacavam-se, amarelos, de entre as fôlhas.

Maria pôs um pano na cabeça por causa da chuva, foi colhê-los.

Não lhe saía da mente a figura da Neca, com o vestido de cassa, de pintinhas vermelhas, cheio de babados, rescendendo aquele mesmo perfume excitante que tanto a irritara, na noite de São João.

A rapariga não sentia a jussara forte das fôlhas nos dedos, toda concentrada nos seus pensamentos.

— Exagerada! Não tinha vergonha de andar assim, se oferecendo?

Tomé havia dito que não tinham nada um com o outro, mas quem não estava vendo que a Neca estava apaixonada por êle? Só cego!

Serenou a chuva, uma chuvazinha curta de verão.

Maria sentiu que chegava alguém a cavalo.

Foi à porta ver quem era. O cavaleiro ia se apeando.

A rapariga fez um instintivo movimento de recuo, reconhecendo Juvêncio.

Desculpou-se, desconcertada.

— Não esperava...

Atribuindo a esquivança da noiva à sua demora prolongada, Juvêncio explicou:

— Tinha custado por via da moléstia. Não suportara mais... vinha ainda doente, tinha febre todos os dias...

Ouvindo a voz de Juvêncio, Merência apareceu à porta do quarto, apoiada ao cacete.

Abraçou-o, alegre com a surpresa, contando-lhe as saudades da noiva, que tinha emagrecido.

— Mas que doença foi esta? Você parece um defunto em pé.

Juvêncio sentiu as pernas fraquearem. Pôs o chapéu de couro em cima da mesa. Sentou-se, enxugou o suor frio que lhe corria pela testa.

Olhou para a noiva, procurando ver, em seu semblante, traços do sofrimento que sua ausência lhe causara.

Maria entrou para mudar a roupa, que tinha se molhado com a chuva.

— Filha, Juvêncio está à tua espera.

De dentro do quarto, Maria se desculpou.

— Não podia se levantar. Estava com uma pontada no lado. O chuvisco lhe fizera mal.

19

Juvêncio voltou no dia seguinte.

Sentado na cangalha, ao canto da sala, acompanhava os movimentos de Maria, com os olhos húmidos.

Quando pôde se aproximar, interpelou-a.

— O que é que você tem? Já disse e repito que demorei *mode* essa doença que me pegou e botou neste estado.

Maria voltou o rosto sem saber o que responder. Fazia-lhe mal aquele olhar meio desvairado.

Juvêncio pegou-a pelo braço, obrigando-a a olhar para êle.

— Diga porque é que está assim comigo. Eu lá não tinha outra lembrança que não fosse você. Se contaram alguma história, é mentira. Juro!

João Policarpo foi entrando e se dirigindo para a rede.

— Oh! *seu* Juvêncio, como vai? *Antonces*, o que foi isto? O que foi que lhe deu por êsse *mundão* do Piauí? Algum feitiço?

Juvêncio fez um esfôrço para responder qualquer coisa.

— Filha, vamos à *janta*. Estou mortinho de fome.

Seu Juvêncio, conte lá o que viu de bom por aí.

— Nada, *seu* João. Trabalho só e doença.

— Olha, filha, tira a carne da grelha, senão queima. Já estou sentindo o *furtum*.

Daí a pouco, Juvêncio se despedia.

— *Seu* João talvez tivesse razão. Quem sabe se não tinha sido mesmo algum feitiço que tinham botado nele?

Andou a esmo, sem saber para onde ir.

Lembrou-se que tinha uma encomenda para a Colondongo.

Voltou, foi à sua casa.

— Coitado! Em que estado!

— Tia Teresa, eu vim *mode* uma encomenda. *Sá* Candinha, lá de Sobral quer uns novelos de algodão bem fiados p'ra fazer umas redes.

— Quer muito bem fiado mas quando vai pagar é uma miséria! Juvêncio, você está com cara de retirante. O que foi isto?

— Doença, tia Teresa. Bem, já vou indo.

Fazia-lhe mal o olhar de malícia, de maldade, da Colondongo, o seu sorriso.

Juvêncio tomou o cavalo. Suas artérias latejavam.

20

No dia seguinte, passando pela casa de Juvêncio, na fazenda vizinha, João Policarpo o encontrou ardendo em febre.

Chamou dois cabras e mandou carregá-lo na rede para sua casa.

Juvêncio balbuciou uns protestos, mas deixou-se levar.

Pela estrada passava um, passava outro, indagavam:

— Quem é o defunto?

João Policarpo explicava:

— Está vivo, graças a Deus. E' o Juvêncio que veio do Piauí com as febres e agora teve uma recaída.

O velho Serapião, que vinha descendo da serra da Meruóca, cruzou-se com êles.

Benzeu-se e, como era surdo, gritou mais alto do que era preciso, para ser ouvido:

— A terra lhe seja leve.

Juvêncio despertou em sobressalto, da modorra que o prostrava.

— Já queriam levá-lo para o cemitério. Gente vexada!

Maria recebeu o noivo sem uma palavra.

— Não é nada, filha. E' a sezão. Isso é assim mesmo. Vai e volta. Devia ter mandado adiante, avisar, mas não me lembrei que podia te afligir. Encontrei o homem desacordado, sem ter quem tratasse nem desse um caldo, fui logo trazendo p'ra não perder tempo.

Colocaram a rede nos armadores do quarto novo.

Chamada às pressas, Cotinha aplicou no doente um sinapismo.

Merência receitou uma purga de jalapa.

— Tinha curado muita gente das febres e sezões com a jalapa. Era um remédio santo, mas tinha que ter muito resguardo de vento. Precisava fechar bem as portas e as janelas p'ra não entrar o ar.

Quando ia ao quarto do doente para levar-lhe algum auxílio, Maria sentia-se estranha entre aquelas quatro paredes.

Doia-lhe na vista a brancura da cal nova, rebrilhando ao sol.

Mentalmente, punha-se a distribuir pelos cantos os seus possuídos.

— Alí, na parede do fundo, o baú com a roupa e tudo o que era seu. Do outro lado, o oratório, com os santos.

Na janela pendurava a gaiola do corrupião,

que estava agora muito bonito, de penas mudadas e cada vez mais cantador.

Cotinha aconselhava a amiga, que via arredia, fugindo do noivo, o que supunha ser motivado por alguma desconfiança.

— Estava visto que não era o que elas tinham pensado. A doença tinha sido mesmo braba. Em que estado estava, coitado! Não era o mesmo homem. Parecia uma criança, tomando remédio pela mão dos outros.

Com habilidade mandava-a levar os caldos ao doente. Pretestava ter sempre uma coisa urgente a fazer.

Mal entregava a chícara a Juvêncio, Maria queria fugir, mas, vendo-o sem fôrças, aproximava-se, levava-lhe a colher à bôca.

A feição de Juvêncio mudava de expressão.

Acabava fatigado pelo alimento, que tomava todo para tê-la mais tempo a seu lado e que era excessivo para seu estado de fraqueza.

Uma vez, como estivesse derramando o caldo, por causa da posição, Cotinha alvitrou:

— Senta na beira da rede, senão quem bebe o caldo todinho é o chão.

Maria olhou para ela, reprovando a lembrança.

— Que tem isso? Vocês não vão casar?

O suor diluiu-se na testa do doente, escorreu por suas faces cavadas.

A Colondongo introduzia o pescoço compri-

do e fino pela janela, balançava lá dentro a cabeça curiosa, interessava-se pela saúde do doente e saía maldando.

— Isto quando começa assim, acaba mal.

Cosme também se intrometia, inquieto, a corcova arrepiada.

João Policarpo observava as feições da filha. Encontrava nela o que não tinha notado até então, traços de uma sua irmã, a Filismina, que tinha morrido do peito, aos quinze anos.

Comunicou à Merência as suas apreensões.

— Não é nada. Depois endireita.

Tomé foi entrando.

— Bom dia. Como vai o doente?

Maria, que acabava de dar as últimas colheradas de caldo a Juvêncio, assustou-se. A chícara dansou dentro do pires.

— Já está com outra aparência.

João Policarpo veio chegando, cachimbo aceso na mão, aparteou.

— Não há como bom trato e o calorzinho da amizade.

Juvêncio sorriu de entre a barba inculta — um sorriso desbotado de convalescente.

— *Vosmincê* não tem aparecido.

— E' verdade, compadre. Torcí um pé na caçada, fui obrigado a passar uns dias em repouso.

Tomé demorou-se pouco.

Ao passar pela casa do Bartolomeu, diminuiu a marcha do cavalo, cheio de curiosidade — uma curiosidade que lhe viera de repente, pelo que ouvia dizer da Pulquéria.

Uma voz aguda cantava lá dentro.

Percebendo a aproximação do cavaleiro, a marcha do animal cada vez mais retardada, Pulquéria chegou à janela.

Deu um bom-dia alegre, convidou-o para entrar, para descansar. Insistia, com os olhos risonhos fixos nele.

— O Bartolomeu não tardava, tinha ido alí, no roçado, apanhar umas espigas de milho.

Tomé desceu do cavalo, amarrou o cabresto na forquilha e entrou.

21

Rita mandou um portador à casa grande, convidar Tomé p'ra ouvir o Perneta e o Chico Teima em desafio.

Quasi todos os dias chamava-o para jogar bisca, gamão.

Não lhe faltavam pretestos. Não se conformava com o namôro da filha com um seminarista que já tinha estudado três anos para ser padre, que já era quasi um padre. Deus não perdoaria aquele sacrilégio! Tinha esperança que Tomé ainda a fizesse esquecer aquela loucura.

Tomé chegou cedo, às três horas; Rita o enchia de agrados, lembrava uma distração, outra, entrava a propósito com uma bandeja de aluá, uns manuês quentinhos, dentro de fôlhas de bananeira.

A hora aprazada vêm chegando os cabras para o desafio, lenço vistoso de chita ao pescoço, gibão e chapéu de couro descaído para a nuca.

Tomam lugar, em frente um ao outro, depois de saudarem os circunstantes.

Dedilham na viola, procurando inspiração, até que um principia:

Minha gente, minha gente,
Vim aquí *mode* saber
Quem é que vence êsse cabra
Numa viola a gemer.

O outro retruca:

Numa viola a gemer
De encomenda eu vim de fora
Prá cantar em desafio
Até o romper d'aurora.

Até o romper d'aurora
E' um tiquinho, não é nada;
Até o dia seguinte
Mais a noite e a madrugada.

Mais a noite e a madrugada
E' pouco. Uma semana
P'ra eu cantar ainda é pouco
Na minha viola inspirada.

E por aí continuam.

Lançada a primeira quadra, o adversário repete a última estrofe e segue.

A rima varia conforme a necessidade do cantor, ora enfeixando a primeira e última es-

trofe, ora a segunda e última ou a primeira e terceira.

Cada qual procura terminar numa rima difícil ou em assunto de seguimento obscuro, para engasgar o adversário.

As vezes o contendor, atrapalhado, sofisma, inverte a intenção da frase, sem habilidade.

Risos significativos do auditório — juri imparcial e abalizado nesses torneios de poesia sertaneja, apontam imediatamente à falta.

Quando, porém, um contendor pega uma frase canhestra, torce-lhe a significação, apruma-a com jeito, encaminhando-a para uma terminação feliz, estrugem risadas francas, de entusiasmo, saudando o sucesso.

Por fim um cantor fraqueia. Falta-lhe rima, foge-lhe a inspiração. Repinica a viola, titubeando, deixa a frase por terminar ou acaba com um disparate.

Dá um raspão, com os dedos, nas cordas, levanta-se gingando e aguenta, de cara enxuta, os dichotes que lhe apupam a derrota.

22

— Eu não sabia se burro empacava daquela maneira. Vi-me atrapalhado. Não havia espora que o tangesse. Resolví descer e puxá-lo pelo cabresto. Nada! O Chuvisco não se mexia, com as patas pregadas ao chão.

Fiz-lhe cóssegas com uma palha, no focinho, nas orelhas. Impassível! Peguei essa chibatinha e mordí-lhe o lombo com umas boas chibatadas. Continuou plantado.

Desanimei. Eram três horas. Fazia um mormaçozinho bom, dêsse que dá sono.

Estirei-me à sombra de uma oiticica, desenganado de poder continuar a viagem e dormí.

Quando dei por mim, o Chuvisco estava ainda no mesmo lugar, remoendo um galho de mutamba. Não havia mutambeira perto. O burro tinha ido arrancar os galhos da mutambeira que tinha ficado atrás. Era essa a sua teima.

Tomé ouvia Cazuza falar, os pés dianteiros da cadeira levantados em equilíbrio, um cotovêlo apoiado à mesa, o queixo sôbre a mão.

Cazuza arregaçou os punhos da camisa, brandiu uma faca de cozinha de gume largo e atacou uma melancia bojuda, enorme, que estava em cima da mesa, com um batoque tirado, sistema prático para se conhecer se o fruto está maduro.

Arrancou uma talhada de polpa vermelha, de aspecto poroso, onde cintilavam sementes negras e saboreou-a com prazer, misturando-a com a passoca que a Joaquina tinha preparado, de encomenda, com bastante cebola e toucinho.

Cazuza tomou café, acendeu um cigarro.

— De onde tiraste aquela coleção?

Apontava para uma prateleira cheia de urús, cestinhas de cipó, chapéus de palha, cuias de cabaça, pintadas.

— Presentes dessa boa gente. Tenho recebido corrupiões, canários, graúnas, patativas, cabeças de negro. A semana passada mandaram-me um papagaio.

— Fala?

— Até agora só tem dito esta frase: — *Chove, chuva!*

Cazuza continuou a contar casos, as novidades de Sobral.

Tomé o ouvia, amodorrado agora, com os dois cotovelos fincados na mesa, as mãos segurando a cabeça.

Não percebia mais o sentido das palavras

do Cazuza, acompanhava apenas, com os olhos, as suas gesticulações que esboçavam cada imagem, plasmavam, no espaço, fatos e objetos.

Passavam-lhe pelo espírito os acontecimentos daqueles últimos dias.

Por fim Tomé se aprumou. Pôs-se a contar a sua vida na fazenda, suas distrações recentes.

23

Toda a redondeza se abalou para a festa de São Gonçalo, em casa do Costinha, pequena para conter tanta gente.

No terreiro, atapetado de fôlhas de mofumbo e pau branco, ergue-se o altar, coberto com uma toalha de crivo, onde se apruma um vulto de São Gonçalo, talhado em madeira.

Circundam a área bancos de pau onde os festeiros, que vêm chegando, tomam lugar.

A hora marcada, a dona da casa dá comêço ao ritual, com toda a solenidade, rezando um bendito.

Os circunstantes, de joelhos, respondem.

Terminada a cerimônia, os foguetes começam a riscar o ar, revoluteando em espiral, espoucando lá em cima, num *estêtei* alegre e sugestivo.

Cotinha, com seu vestido cheirando a chita em fôlha, não tira os olhos oblíquos da feição mal posta e desencantada de Gaudêncio, que

tinha vindo da serra, disposto a sanar a sua falta.

Com grande contrariedade da Rita, a Neca e o Cazuza conversam juntinhos, absorvidos um no outro, sem dar atenção aos olhares curiosos e escandalizados dos circunstantes. — Quasi um padre! Não tem mêdo de castigo, não!

Começam os desafios. A viola do Chico Teima sola um programa variado de sambas, batuques, emboladas.

Num intervalo, a Júlia e a Maria Pato alçam as vozes agudas, nasaladas, cantando umas quadras, referentes ao santo do dia.

Oh! meu senhor São Gonçalo
Aquí tem duas *Orora:*
Uma de Santa Teresa,
Outra de Nossa Senhora.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
São Gonçalo de Amarante
Feito de pau de *cuié*
Dizei-me, meu São Gonçalo,
Que juízo tem *muié.*

As violas se afinam num *dlin-dlin* convidativo e daí a pouco principiam as dansas.

Quando o samba está fervendo, os hálitos masculinos e a alegria geral denunciando

aguardente farta, vem chegando o Pereirinha das Contendas, cabra bom no batuque.

Aclamado e carregado para o meio da sala, depois de se fazer de rogado, o Pereirinha começa a sapatear, trunfa revôlta, olhos quentes, com acompanhamento das violas do Chico Teima e do Perneta, mestres do ofício.

As pernas do caboclo como que são movidas por uma fôrça elétrica, destras no choradinho, prontas em simular uma rasteira, apresentando uma polícroma variedade de figuras, dansas exóticas, transplantadas da Africa, moduladas nas nossas tabas indígenas.

Identificado com a música rude dos violeiros, infatigável, elástico, o Pereirinha termina, por fim, num verdadeiro batuque nacional.

O auditório, empolgado, bate palmas, estruge em gritos, incitando-o, aclamando-o, possuído do frenesí que desarticula o Pereirinha numa epiléptica convulsão ritmada.

24

Cotinha levava uma braçada de flores do campo. Maria estava com seu vestido branco, engomado. Iam assistir o entêrro da tia Leocádia.

Já avistavam a casa, em baixo, na encruzilhada. Duas velas acesas piscavam lá dentro.

Passou por elas um cavaleiro a galope.

Assustaram-se, procurando se desviar.

Cotinha tropeçou, caíu.

O cavaleiro refreou o cavalo, fez uma curva e voltou.

Era Tomé.

Saltou, pedindo desculpas pelo susto que tinha causado.

Ajudada por Maria, Cotinha tinha se levantado. Sacudia a saia, dizendo que não era nada, não tinha se machucado.

— Vão para a casa da tia Leocádia? Eu também. Já agora, que está perto, vamos seguindo juntos.

Segurou a rédea do animal e as foi acompanhando.

Achava Maria diferente, assim de branco.

— Coitada da tia Leocádia! Morreu sem ter uma criatura que lhe metesse a vela na mão.

A Tomásia tinha ido para o rio. Quando chegou, encontrou a avó estendida no chão, já defunta.

Labutou tanto, criando os netos, que nem ao menos tinham paciência com a pobrezinha, agora, no fim da vida.

Cotinha falava para quebrar o silêncio e disfarçar a atitude de Maria e Tomé que se observavam, mutuamente.

Pulquéria estava lá com os dois filhos. Tinha ajudado a vestir o corpo.

Seus cabelos, levantados ao alto da cabeça, deixavam descobertas a nuca e as orelhas bem feitas.

Quem observasse a expressão do seu semblante, não daria crédito ao que diziam dela nem lhe atribuiria aqueles filhos crescidos e feiosos, tão diversos um do outro. As próprias feições de cada um diferiam entre si, não tinham proporção como se fossem tiradas, a esmo, de pessoas diferentes e colocadas num só rosto, díspares e sem uniformidade.

Puseram o corpo dentro de uma rede, cobriram-no de flores do campo.

O cortejo pôs-se em marcha, humilde cortejo — uma rede carregada por dois cabras e meia dúzia de pessoas, que, logo ao sair, iam se dispersando.

Maria e Cotinha o acompanharam até certa distância. Na curva da estrada tomaram o caminho de casa.

Cotinha parou na porteira, ficou olhando a rede que ia levando a tia Leocádia.

— Vida pesada e longa a dela! Viúva ainda moça e com uma filharada, tinha pegado na enxada, como qualquer homem, para tirar da terra o milho, o feijão, a mandioca.

Para vestir os filhos plantava o algodão, colhia, descaroçava, desmanchava em novelos de fio, tecia no tear o algodãozinho ralo e ordinário. Até a vela de carnaúba, o sabão, ela é que fazia. Apanhava água no rio, cortava lenha no mato para fazer fogo. Agora, já tão velhinha, ainda trabalhava, ajudava as filhas no serviço da casa.

Cotinha firmou a vista, procurando ver ao longe.

Os netos que iam acompanhando o corpo, já tinham tomado outro rumo.

— Bichos ordinários!

Com certeza os cabras iam pilheriando, mascando e jogando cusparadas, sem nenhum respeito.

Eram bem capazes de deixar o corpo da velhinha em baixo de um pé de pau qualquer, exposto aos cães e aos urubús, enquanto entravam na primeira bodega, para beber cachaça.

Cotinha divagava, procurando identificar a rede da defunta num ponto branco que aparecia e desaparecia entre as árvores, fazendo ziguezague.

25

Maria foi ao milharal apanhar umas palhas sêcas para acender o fogo.

Levantou a saia, cobriu a cabeça e os braços para se defender do mormaço e da jussara do milho.

De uma touceira de canas saíu um lagarto. Balançou a cabeça a se aquecer ao sol e se escondeu entre as fôlhas, com um movimento rápido.

Maria passou pelo algodoeiro, colheu alguns frutos e pôs-se a descaroçá-los, maquinalmente.

Reproduziu-se em sua retina o corpo da tia Leocádia, todo engelhadinho, com o vestido novo de chita, chinelas de cordavão nos pés, como se fosse para uma festa.

— Os olhos da Pulquéria eram bonitos. Pretos! Ainda não tinha reparado.

Tomé estava mais magro, esquisito. Não tinha querido entrar!

Subía fumaça da casinha de sapé mais próxima.

O vento trazia ruído de vozes infantís, ralhos, estalos de bilro.

Maria apanhou umas palhas, fôlhas sêcas de cana.

Ao chegar em casa encontrou Tomé.

Deu-lhe boa-tarde da cozinha.

Merência pediu, lá de dentro, um cafezinho bom.

Maria passou água no rosto, afogueado do calor do sol, alisou os cabelos, olhando-se numa tampa de lata.

A chaleira principiou a ferver, em cima da trempe, derramando água pelo bico.

Maria coou o café e foi levá-lo na sala.

Sem tomar a chícara, Tomé olhou para ela.

Sob a insistência de seu olhar, o rosto da rapariga, já quente do calor do sol, tornava-se cada vez mais afogueado.

Temia que chegasse alguém, que a cabeça da Colondongo espreitasse à janela.

Afinal Tomé pegou na chícara.

João Policarpo entrou.

Tirou o chapéu de couro, passou a mão na testa, sacudiu o suor.

— Tinha ido dar uma volta pela capoeira para ver se a Malhada tinha dado cria. Pela manhã estava muito inquieta, mas lá estava ainda sem novidade.

Puxou o banco para o meio da sala, sentou-se e batendo com a mão na perna, disse:

— Pois é isso, *seu* Tomézinho. P'ra semana temos festa cá por casa. *Seu* vigário desce da serra e passa por aquí *mode* abençoar os noivos. Está tudo pronto, graças a Deus, não tem mais por quem esperar.

Olhando lá fora, para uma carnaubeira que se equilibrava num terreno em declive, Tomé aprovou.

— Filha, dá-me aí um *golpe* d'água.

Maria meteu o caneco de fôlha dentro do pote, trouxe-o cheio.

João Policarpo bebeu sofregamente, atirou o resto da água para o canto da sala.

Entrou um bandinho de crianças — os filhos da Benta. Escondiam-se uns atrás dos outros, com vergonha. Vinham pedir emprestado uma cuia de farinha.

A maior se adiantou, torcendo a ponta do vestido, deu o recado que a mãe tinha mandado.

Mundinho vinha nu, com a barriga enorme, chupando o dedo.

Um beijaflor entrou. Adejou sutil, foi sugar os cálices das maravilhas, plantadas em panelas de barro, em cima da janela.

As crianças o seguiram com a vista, acompanhando o seu adejar, de flor em flor. Já não se preocupavam com o que tinham vindo fazer e, menos tímidas, se desprendiam umas das outras, para apreciar melhor.

Lá fora, sacudindo as orelhas que as mutucas picavam, o Alazão zurrou alto, lembrando a sua ração retardada.

João Policarpo se levantou, saíu para atendê-lo.

Tendo satisfeito o pedido da menina, Maria a retinha ainda, com as mãos pousadas sôbre os seus ombros.

Tomé entretinha Mundinho, fazendo-lhe perguntas, tocando tambor em seu ventre inchado.

26

Juvêncio entrou apressado, sacudiu o chapéu para trás da nuca.

— O cavalo *trupicara, seu* João tinha escorregado, mas não tinha se machucado, não, graças a Deus. Já vinha aí.

Maria perdeu a cabeça com aquela notícia, cheia de reticências.

Correu para o terreiro, pedindo a Juvêncio, que a levasse onde estava o pai. Pôs-se a chorar. Tinha certeza de que êle a estava enganando.

Juvêncio a tranquilizava.

— Era nada, não! *Seu* João já vinha aí. Seria bom avisar *sá* Merência.

Maria entrou mais calma depois daquela crise de lágrimas, acendeu a lamparina, ajoelhou-se e pôs-se a rezar.

Merência tremia no fundo da rede, porém não dizia nada para não afligir mais a filha.

Daí a instantes entravam dois cabras, carregando João Policarpo, que tinha quebrado a perna.

Mandaram chamar, às pressas, Tomé e o filho do boticário.

A notícia do desastre se espalhou no mesmo momento.

A vizinhança veio chegando. Entrava um, entrava outro, de manso, falando baixo, interessados e curiosos.

As crianças olhavam da porta, trepavam nas janelas, todos queriam ver João Policarpo, a perna quebrada.

Um dava um conselho, outro lembrava um remédio. Cada qual tinha um caso de desastre para contar, cabeça rachada, costelas partidas, todos mais complicados, alguns fatais.

Cazuza mandou que colocassem João Policarpo em cima da mesa, tirou, às pressas, o paletó, arregaçou as mangas da camisa, pôs mãos à obra.

Um cabra puxava João Policarpo pelo tronco, outro pelo pé, com toda a fôrça.

Cazuza entalou a perna quebrada entre taliscas de taboca, enrolou-a em tiras, que Maria rasgava de um lençol velho, em movimentos rápidos e nervosos, colocou-a, grossa de tantos atavios, como se a inflamasse uma erisipela, dentro de uma têlha.

Juvêncio levantava, ao alto, uma vela de carnaúba para clarear a mesa da operação.

— Não é nada. Amanhã já estou pronto p'ra outra.

Desfeito, abatido, João Policarpo pilheriava.

— Agora vamos ver esta dôr aquí nos peitos que responde nas cruzes.

— Banha de tejuassú tem feito milagre.

— Sumo de mentruz é que é um santo remédio.

Dentro do quarto Merência rezava, em voz alta.

27

As visitas dos vizinhos, repetidas e insistentes, foram escasseando e a casa do João voltou ao sossêgo.

Tomé vinha todos os dias ver o doente, saber se precisava de alguma coisa.

Livre da Teresa que tinha ido para o Jardim, ver uma irmã, à morte, Maria olhava tranquila para a sua porta fechada.

A impressão de terror que a profecia da Farelo tinha lhe deixado, se atenuara com o tempo.

Às vezes vinham-lhe ainda ao pensamento as suas palavras: — Há desgraça no teu caminho! Via o seu olhar distante, de vidro embaciado. Mas, agora, uma fôrça superior à da sua vontade a aproximava de Tomé.

Quando êle estava tardando, Maria alongava a vista pela estrada, ouvido atento, procurando ouvir o relincho do Piquira.

Não achava jeito de dar um remédio ao doente, sem consultá-lo.

Quando passava a chícara de caldo para Tomé segurar, enquanto ajudava o pai a se acomodar melhor, suas mãos se tocavam.

Ao rumor de passos vindos de fora, procurava um pretêsto para se afastar. Juvêncio podia entrar de repente.

Merência não se cansava de gabar a dedicação de Tomé.

— E' como um filho. Bem se vê que se criou com o meu leite, com o meu sangue.

Não se tratara mais de casamento. O vigário adiara a desobriga e o dono da casa ainda custava a se levantar. Sentia dôres no peito, febre. Tinha que passar quinze dias, pelo menos, com a perna entalada, dentro da têlha, a-pesar dos seus protestos.

— Estava quasi bom. O que queria, era se ver livre daquela bota de barro.

Tomé insistia para que êle ficasse quieto. Aplicava-lhe sinapismos de mostarda no peito. Maria dava-lhe a beber chá de fôlha de laranja, bem quente, para suar.

— Parecia pleurís.

Fechava a casa toda, por causa do vento.

Quando o sol, não achando porta aberta para entrar, espiava, com sua grande luz, pelas têlhas desconsertadas, suas figuras, batidas pela claridade, vinda do alto, eram tocadas pelos átomos que o sol focalizava e que giravam, revoluteavam como pequeninos seres vivos.

28

Ameaçava chuva.

O vento sacudia as árvores, derrubava as fôlhas.

Daí a pouco relâmpagos começaram a riscar o céu chumbado.

Trovões ressoavam ao longe.

Maria fechou as portas, acendeu uma vela do carnaúba no quarto dos doentes.

Tomé bendizia a tempestade que a punha, medrosa, a seu lado.

No fundo da rede, Merência rezava a jaculatória, em voz alta.

Para acalmar a mulher e a filha, João Policarpo pôs-se a pilheriar, a contar casos.

— Ora, isso é nada? Um trovãozinho longe! Quem me dera que chegasse mais p'ra perto *mode* ter certeza de uma boa chuva. Já faz dias que não cai uma gota. A macacheira está apodrecendo em baixo da terra, não deu ainda um grêlo.

Tempestade assistí eu, de uma *feita* que ia

para o Acarape, num descampado, sem pé de pau p'ra me pôr por detrás. A chuva caía grossa, em *riba* do lombo e tome trovoada, mas dessa que parece que o mundo vem abaixo.

A água, penetrando pelas têlhas, começou a pingar em cima das redes dos doentes.

Tomé alvitrou improvisar uns toldos.

— Não há por aí umas esteiras?

— Esteira não tem, mas couro de bezerro serve. Aí no quarto do meio tem um rôlo deles e umas cordas.

Auxiliado por Maria, Tomé pôs-se a arranjar os couros em cima das redes.

— Mas, como ia dizendo. Ah! E os coriscos! Pareciam coisa viva! Passavam assim por debaixo dos pés dos animais, feito cobra de fogo. E nós, eu mais o cargueiro, o Luiz Canhoto, marchando por alí afora, atrás de um rancho. *Cadê* rancho? Diziam que só havia naquela redondeza uma casa mal assombrada, onde as almas de noite assobiavam, batiam com relhos.

Era uma fazenda antiga, onde o senhor judiava com os escravos.

O cargueiro dizia: — Lá eu não entro nem que morra afogado ou partido por um raio. As almas, lá dentro, fazem com a gente, como o senhor, que era um tal seu Miranda, fazia com os escravos. Arrancam os dentes da gente, todinhos, raspam o cabelo, a navalha.

O Filipe Serapião ainda está aí p'ra contar.

— Qual o que, dizia eu. E' conversa.

Procurava com a vista, à luz dos coriscos. Nada!

Afinal uma *luzinha alumiou* lá, ao longe. Luiz Canhoto se benzeu. Convencí o homem. — Eu já tinha me arranchado lá uma vez. Era a fazenda do *seu* Ramiro.

Estávamos salvos mas gelados até o gorgomilho. Um bom trago de cachaça foi o que consertou a gente.

Distraída com a narração, Maria foi se acalmando, perdendo o mêdo.

Entrou, foi buscar umas brasas para queimar palha benta.

Um clarão de fogo iluminou a casa. Em seguida atroou um estampido.

Tomé correu para a cozinha, de onde tinha partido um grito.

A faísca despedaçou uma oiticica, no terreiro.

— Não é nada. Foi lá fora.

Maria pôs-se a chorar.

Tomé procurava acalmá-la.

— Já tinha passado. A chuva estava serenando.

Levantou-lhe o rosto. Maria enxugou as lágrimas, sorriu.

Sentindo o seu hálito, o calor de seu cor-

po, as suas artérias, que latejavam sob os seus dedos, Tomé não pôde mais se conter. Apertou-a nos braços. Suas bôcas se uniram.

Maria se desprendeu assustada, afastou as mãos que ainda a queriam reter.

Quando Tomé entrou no quarto, não pôde sustentar o olhar da Merência, um olhar de bem querer e confiança.

29

Tomé passou a noite sem poder dormir. A paixão que êle tinha contido e refreado, por tanto tempo, se expandia, agora que se sabia correspondido, com a fôrça natural de sua mocidade exuberante.

Mas a amizade que tinha à sua mãe de criação e a João Policarpo, o impediam de perturbar a tranquilidade daquele lar humilde.

No dia seguinte não saíu de casa, pensando, procurando resolver a sua situação.

Algumas linhas escritas às pressas pela mão trêmula da Menininha vieram tirá-lo daquele estado d'alma, ansioso e irresoluto. — Seu pai, com um ataque de congestão.

Tão aflitiva notícia afastou, para segundo plano, o seu caso passional.

Na mesma hora mandou arrear os animais. Passou pela casa de João Policarpo, para se despedir.

Merência não se cansava de chorar e pedir

que voltasse, não ficasse por lá toda a vida. Queria ver ainda o seu filho, antes de morrer.

Maria suportou bem as despedidas mas, depois que Tomé saíu, as lágrimas explodiram, alí mesmo, diante da Merência, que achava muito natural aquele pranto. Ela também não estava chorando?

Tomé e Cazuza deixaram a fazenda.

Um cabra, o Mané Pereira, os seguia, conduzindo a bêsta que levava a bagagem.

30

A casa de João Policarpo não parecia a mesma daqueles últimos tempos.

Merência não se conformava com a partida súbita de Tomé.

— Também ir embora, assim tão de repente! Não dera tempo nem de se despedir direito! Tinha vindo só p'ra gente querer mais bem e ficar penando a falta.

João Policarpo, apoiado a um cacete, exercitava, pelo meio da casa, a perna consertada. Andava calado. Fechava-se com o seu cachimbo.

— Não tinha mais com quem dar uma prosa que valesse a pena.

Maria não sabia como esconder o seu segrêdo, a sua saudade.

Tinha que apresentar o rosto, machucado pela vigília e pelas lágrimas.

Queixava-se de dôres de dente para justificar o seu abatimento.

Os olhos de Tomé, os seus beijos haviam

lhe comunicado uma nova vida, haviam-na transformado numa outra criatura.

Tinha vontade de passar o dia inteiro dentro da rede, pensando nele. Sentia-se indiferente a tudo. As obrigações caseiras não a interessavam. Fazia-as maquinalmente, o pensamento longe...

Quando Merência repetia o que Tomé tinha feito, o que tinha dito, aquelas mesmas cenas, aquelas mesmas palavras, repassadas tantas vezes, em sua mente, tinham, para ela, uma significação nova. Ouvia com avidez e um suspiro fundo era abafado a tempo, ou saía depressa para que as lágrimas não a traissem.

Juvêncio a encontrava abatida, com o olhar vazio.

Apercebendo-se de que o noivo tinha a atenção fixa em seu semblante, procurava reagir, disfarçar a repugnância que lhe causava o cheiro de suor de seu chapéu de couro.

Tudo aquilo havia de ter um fim. Não sabia de que maneira. Esperava que viesse de Tomé uma palavra que a guiasse, que a enchesse de coragem.

Esforçava-se o dia inteiro para se conter mas, à noite, quando se deitava, as lágrimas irrompiam quentes, até tarde.

31

Quando ia para o rio, Cotinha se espantava do seu abatimento.

— Eram as dôres de dente. Não tinha dormido.

Mesmo a perspicácia da Cotinha ia conseguindo iludir.

Aquelas madrugadas em que tanto gostava de apreciar o despontar do sol, de cima da ribanceira, conversando com Cotinha, os banhos no rio, tudo perdera o encanto.

Só sentia-se bem no silêncio do quarto, com os seus pensamentos, que lhe representavam os poucos dias da verdadeira vida que tinha vivido, até então.

Ficava horas com os olhos fixos na estrada, esperando que aparecesse alguém, vindo de Sobral.

Logo que *seu* Genésio ficasse bom, êle voltava, tinha certeza.

Uma tarde foi à casa grande.

A mãe mandava perguntar à Jacinta se já tinha tido notícia do *seu* Genésio.

— Mané Pereira ainda não tinha voltado. Não sabia de nada.

Enquanto Jacinta acabava de mudar a água das gaiolas dos pássaros, no alpendre, Maria entrou.

— Estava muito cansada, quente do mormaço e com sede.

Percorreu a casa toda, como que procurando alguma coisa da presença de Tomé.

Foi ao quarto que êle tinha ocupado.

Apanhou, sôbre a mesa, um vidro, com algumas gotas de loção. O perfume que êle usava, tornou como que presente a sua figura. Seus olhos claros, luminosos, de pestanas escuras, reproduziram-se em sua mente.

Não sabia como levar aquele vidro.

Meio desconfiada pediu-o à Jacinta. — Derretera um pouco de banha de galinha e não tinha onde guardar.

Apoderou-se avidamente da preciosa relíquia.

Aspirando o perfume, que tinha o poder de representá-lo a seus sentidos exaltados, como uma presença real, Maria cada vez mais se isolava, apaixonada, dentro das suas recordações.

32

Avistou, afinal, lá longe, na estrada, um cavaleiro, conduzindo um animal pelo cabresto.

— Parecia Mané Pereira.

João Policarpo levantou-se, foi até à porta. Pôs a mão em pala, na testa.

— Era êle mesmo.

Riu-se, alegre.

— Ora, o homem custou a se resolver. Mas lá vem êle.

A silhueta do Mané Pereira, montado num burro, desenhou-se, nitidamente, no fundo escuro da folhagem.

— E' êle mesmo.

O coração de Maria pôs-se a bater, com fôrça. — Não era possível que o pai não estivesse escutando as pancadas!

Entrou para disfarçar a comoção.

Mané Pereira veio se aproximando, apeou-se.

— Bons dias p'ra *vosmincê*.

— Seja benvindo, *seu* Mané Pereira. Já estava tudo agoniado com a sua demora, homem! Como vai *seu* Genésio?

— *Seu* Genésio ficou bom, graças a Deus. Ainda está meio banzeiro, mas já se levantou.

Mané Pereira tirou um caçuá da cangalha,

trouxe-o para a sala. João Policarpo abriu, tirou de dentro um rôlo de fumo. Cheirou.

— Parece do bom.

O cabra tirou um cachimbo do bolso. — *Seu* Tomézinho tinha mandado também.

Entregou à Maria uma caixa grande.

— *Sá dona* Quininha tinha mandado de presente.

Maria abriu a caixa. Era um vestido branco, de setineta, com florões de sêda, véu, grinalda e uns sapatos brancos.

Sentiu uma onda de sangue subir-lhe à cabeça.

Levou para mostrar à Merência, que já estava reclamando, lá de dentro.

— *Sá* Quininha é uma santa! Não se esqueceu da afilhada. Deixa ver direito, menina.

Mandou tirar tudo da caixa.

— Abre o vestido alí, em *riba* da mala. Põe primeiro um pano, pr'a não estragar.

Chamou Mané Pereira na porta do quarto.

— *Seu* Tomézinho não mandou dizer quando voltava, não?

Merência fez a pergunta que estava querendo sair da bôca de Maria, mas que ela não tinha coragem de articular.

— *Inhora* não. Mandou muita lembrança p'ra *vosmincês* e que há de voltar um dia.

Maria sustentou as lágrimas que estavam querendo rebentar.

33

Cotinha foi entrando e se admirando da magreza de Maria.

— Daquí a pouco você cai é da fraqueza. Está amarela que nem açafrão. *Sá* Merência carece fazer com você como se faz com galinha p'ra engordar, dar comida pela bôca. Como é que vai casar neste estado?

Ande, mostre as novidades. Não há como se ter madrinha rica!

Contrafeita, Maria teve que tirar tudo da caixa, outra vez.

Cotinha pegou no véu, quis ajeitá-lo em sua cabeça.

— Não vale a pena.

— Vamos logo vendo como é que tem de ficar. Isto não estraga. Chegue aquí, menina.

Quasi de costas, Maria deixou que Cotinha lhe pusesse o véu na cabeça, mas afastou-se logo. Cotinha deu um muxoxo.

— Anda tão cheia de história!

Levantou o vestido.

— *Vige!* Parece noiva da cidade! E' pena *seu* Tomézinho não estar aí p'ra ver. O povo daqui não aprecia estas coisas. Diz que é pabulagem.

Você já sabe? *Seu* vigário passa aquí p'ra semana. Está chegando o dia!

Bom, já vou indo. A costura está me esperando. Tenho que fazer umas peças p'ra Gaudêncio que veio só com a roupa do corpo.

Maria ouvia tudo indiferente, como se aquele dia que a Cotinha dizia que estava chegando não fosse o do seu sacrifício.

34

Sem poder dormir, já pela madrugada, abriu a janela.

Na planície, ao longe, os mandacarús, eretos, estendiam sombras.

A aragem trazia o cheiro leve das flores de mofumbo, abalava, murmurando, os leques das carnaubeiras.

Veio-lhe à mente a primeira tarde em que Tomé veio chegando, sem se esperar. Não o reconhecera. A lembrança que tinha dele era muito apagada, não guardara nenhuma das suas feições. O traje da cidade, sua bonita figura, os cabelos bem tratados lhe davam um aspecto diferente do dos homens que ela conhecia. Sobretudo seus olhos a tinham fascinado.

Como tudo mudara depois daquela tarde! Ela mesma não era mais a criatura ingênua e simples de então.

Sentia-se outra, com fôrça para enfrentar o perigo, a cólera do noivo, o desespêro dos pais e acompanhá-lo para a vida e para a morte, se êle a quisesse, como essas moças, de que lhe falava Cotinha, que saíam de casa para viver com um homem, sem a bênção de Deus.

35

Maria saíu para o rio.

Cotinha não pôde acompanhá-la aquela manhã.

— Estava muito ocupada com as costuras. Tinha que fazer também uma muda para os sobrinhos que estavam quasi nus. Aproveitava as aparas das peças grandes que ia cortando para vestir os bichinhos. Benta não tinha tempo, com a labuta da casa.

Maria seguiu sem a companheira; mesmo sozinha entrou n'água para refrigerar o corpo, fatigado pela noite sem repouso.

Desprendeu o pau de mulungú de entre os juncos da margem e pôs-se a nadar.

Lembrou-se da recomendação da Cotinha.

— Que não entrasse muito por causa das piranhas.

— Talvez fosse até bom sofrer uma dôr bem grande para ver se aliviava aquele tormento da saudade, o desespêro de ter que se

entregar a um homem sem querer, pensando noutro.

Deixou-se ficar, boiando, apoiada ao mulungú. A água espelhava seu rosto, os olhos, muito abertos, os cabelos soltos, que ainda não tinha molhado.

Olhando para a sua figura refletida, lembrou-se da mãe d'água, que vive dentro do rio.

— Em noite de lua, vem à beira d'água, com seus cabelos verdes, compridos, o corpo muito branco. Foge e torna a vir, cantando, com uma voz doce que arrepia.

Ah! Se possuisse o encanto da mãe d'água, para fazê-lo voltar!

36

Maria estranhou a Neca, estirada numa rede, fisionomia turva.

Seu coração que estava aos pulos, moderou, e as palavras que ela vinha estudando pelo caminho para pedir notícia de Tomé, se baralharam em sua mente para darem lugar ao espanto que lhe causava a atitude da Neca.

Não parecia a mesma criatura daquela noite de São João que lhe causara tanto ciúme, agarrada ao braço de Tomé, dansando, com os cabelos frisados quasi tocando seu rosto ou exigindo:

— Só sai daquí de manhã, depois de tomar café.

Estava feiosa assim, sem pó de arroz e sem alegria.

— Ah! E' você?

— Vim saber como vai o povo daquí. Tem tido notícia da cidade?

Neca que só tinha no espírito o seu amor contrariado, nem se lembrou da moléstia do

padrinho e também não compreendeu que Maria estava pedindo notícia dele com aquela frase ambígua.

— Tenho. Mas você sabe, o Cazuza só me escreve quando tem um portador seguro que possa me entregar a carta sem papai e mamãe saberem. Eles não querem o casamento. Mamãe diz que prefere me ver morta.

Maria encorajou-se com a confidência da Neca.

— A mãe mandou perguntar se *seu* Tomézinho tem escrito.

— Recebí pelo Mané Pereira uma cartinha dele. Meu padrinho já está bom mas com a marcha um pouco arrastada e a fala também.

Tomé mandou dizer que as meninas do major Bento estão em Sobral.

Maria se lembrou que Tomé havia dito uma ocasião, que a mais moça era bem bonitinha.

Uma fisgada de ciúme alterou-lhe a feição.

— Com certeza, a Caçula tinha ido para a cidade por causa dele e talvez já estivessem de namôro. Com ela, sim, Tomé podia casar.

Tudo o mais que a Neca disse, não conseguiu afastar de seu espírito aquela notícia e os espinhos com que a feria.

38

Abriu, de manso, a porta da cozinha, saí
descalça, para não fazer barulho.

A madrugada ia alta.

Infiltrando-se, como um óleo de luz, no
arvoredos, nos ranchos toscos, na planície vas
ta, o luar emprestava um aspecto de encanta
mento àquele recinto, banal à luz do dia, atua
va com seu magnetismo sôbre os seres e sôbr
as coisas.

Maria sentia-se atraída por aquela noit
branca, embebida da luz da lua que a domi
nava com sua fôrça.

Foi caminhando, absorta, dentro dos seu
pensamentos de amor e de abandono.

Desceu a ribanceira.

O Acaraú refulgia, em pequeninas chispas
chamando-a, como um misterioso abismo.